

SABER

Cooperar

A revista do cooperativismo

Ano VIV – Nº 31 // AGO/SET/OUT 2020



Sistema**OCB**
CNCOOP - OCB - SESCOOP

Uma grande sacada

Somos Coop

Já está no ar a primeira campanha nacional de divulgação do cooperativismo

Três Poderes

Preparamos um guia completo sobre a LGPD

Especial

Refugiados e imigrantes encontram apoio nas coops



Vem ser coop!
Tudo ao
seu redor **já é.**



VEM COM A GENTE
somos.coop.br



somoscoop

O cooperativismo está em toda parte. Está no alimento que você come e em todo o caminho que ele percorre até chegar na sua mesa. Está também no transporte que você usa, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

O Guga já faz parte. E você também pode fazer.

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.

*Números
desta edição*

20 cooperativas
citadas de

3 países
Colômbia, Brasil e Finlândia

18 estados brasileiros

4 regiões do Brasil.

Juntas, elas representam

5 dos **7** ramos
do cooperativismo:

- Agropecuário
- Crédito
- Saúde
- Trabalho, Produção de Bens e Serviços
- Infraestrutura

**COMO ACESSAR OS
RECURSOS MULTIMÍDIA**



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

Estamos no ar, PARA TODO O BRASIL

Amigo cooperativista,

Não existe limão amargo o suficiente para quem sabe fazer uma boa limonada. E nós, cooperativistas, somos conhecidos por nossa capacidade de transformar a crise em grandes oportunidades. Pois bem, a pandemia da Covid-19 nos pegou, sim, de surpresa. Assim como aconteceu com outros setores, no Brasil e no mundo todo. Aqui, no Sistema OCB, ainda não tínhamos mergulhado de cabeça no mundo digital, apesar de já estarmos presentes na internet e termos uma área dedicada à inovação. Mas tudo isso mudou, rapidamente. As mudanças impostas pelo coronavírus nos fizeram rever nosso planejamento estratégico e corremos para tirar do papel uma série de projetos e produtos necessários para enfrentarmos, junto com as nossas cooperativas, essa nova realidade — onde as pessoas precisam da tecnologia para se conectar com o mundo, com os amigos, com os colegas de trabalho e até com a família.

Um dos primeiros projetos que colocamos no ar foi a plataforma CooperaBrasil, um ambiente de fomento à intercooperação, ou seja, à realização de negócios entre as cooperativas. Ela já reúne mais de duas centenas de cooperativas, que encontraram ali uma vitrine para seus produtos e serviços, como você poderá conferir nesta edição da revista.

A nossa ideia é levar o cooperativismo cada vez mais longe e mos-

trar para mais pessoas que vale a pena ser coop. Como? Colocando para rodar um outro projeto especial, que vínhamos debatendo há anos, o lançamento de uma campanha nacional de divulgação das cooperativas brasileiras e do cooperativismo. Com a chegada da pandemia, ficou muito clara a necessidade de posicionar nosso modelo de negócios como um caminho seguro e sustentável para o desenvolvimento do Brasil e do povo brasileiro. E para nos ajudar nessa divulgação, escolhemos como embaixador o tenista Gustavo Kuerte, um atleta que personifica valores cooperativistas como a ética, o cuidado com as pessoas, a responsabilidade social e desenvolvimento sustentável.

Nossa primeira campanha nacional de publicidade entrou no ar na primeira semana de novembro, na televisão, no rádio e na internet. E ela promete mostrar a todos os brasileiros que o cooperativismo está em toda a parte e que tem imenso potencial para ajudar nossa economia a voltar a crescer, depois da pandemia. Como cooperativista, eu não poderia estar mais orgulhoso. E termino este editorial fazendo o mesmo convite que está sendo feito em todas as peças da nossa campanha: Vem ser coop! Tudo ao seu redor já é.

Um forte abraço e boa leitura!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB

**SESCOOP
CONSELHO NACIONAL**

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- Celso Ramos Régis – titular
- Remy Gorga Neto – suplente

Regiões Norte e Nordeste

- Ricardo Benedito Khouri – titular
- Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

Região Sudeste

- Ronaldo Ernesto Scucato – titular
- Carlos André Santos de Oliveira – suplente

Região Sul

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- João Edilson de Oliveira – titular
- Luizita Fonseca Leite Pina – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Najara Flauzino Ferro – titular

Ministério da Economia

- Alberto Alves Silva de Oliveira – titular
- Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho – suplente
- Dênio Aparecido Ramos – titular
- Alex Pereira Freitas – suplente
- Thais Barboza de Souza – titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente
- Carlos Felipe Alencastro F. de Carvalho – titular
- Joel Amaral Júnior – suplente

**CONSELHO FISCAL DO SESCOOP
REPRESENTANTES DA OCB**

- José Arilo Carneiro Pereira – titular
- André Pacelli Bezerra Viana – titular
- Ary Célio de Oliveira – suplente
- Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

- Evaristo Lunz Gomes – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Paula Lobo Ferreira de Assis – titular
- Thiago Vinícius Pinheiro da Silva – suplente

Ministério da Economia

- Ricardo da Costa Nunes – titular
- Luciana Maria Rocha Moreira – suplente
- Alessandro Roosevelt Silva Ribeiro – titular
- Rogério Nagamine Costanzi – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação: Daniela Lemke

Conselho Editorial: Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanella Milléo Filho e Tânia Zanella

Repórteres: Amanda Cieglinck, Débora Brito, Guaira Flor, Lilian Beraldo, Paula Andrade, Raquel Sacheto e Tchêrena Guimarães

Projeto editorial: Farol Conteúdo Inteligente

Edição: Guaira Flor

Projeto gráfico: Chica Magalhães

Diagramação: Vanessa Farias Kassabian

Reportagens: Alessandro Mendes, Débora Brito, Felipe Teixeira, Guaira Flor, Lilian Beraldo, Paula Andrade e Tcherena Guimarães

Ilustrações: Kleber Sales

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Mais Soluções Gráficas Eireli ME

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. “I”
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119
E-mail: revistasabercooperar@sescop.coop.br

NESTA Edição



6

Entrevista

AS POSSIBILIDADES
DO PIX



Perfil

DE AMOR
E DE SONHOS

32



50

Tecnologia
A HORA DA
MUDANÇA
CHEGOU



12

Somoscoop

DEM SER COOP!
TUDO AO SEU REDOR JÁ É!



Refugiados e
imigrantes
VIDA NOVA

38

Conexão
internacional
UM MUNDO...DE
COOPERAÇÃO



60



16

Tecnologia Agro
AGRO 4.0



26

Intercooperação

DE UMA
COOPERATIVA
PARA OUTRA



46

Sementes
INCLUSÃO
FINANCEIRA
A DISTÂNCIA



Artigo

DANIELA LEMKE

65



CONHEÇA AS OPORTUNIDADES ABERTAS PARA AS NOSSAS COOPERATIVAS NESSE NOVO SISTEMA QUE PROMETE REVOLUCIONAR O MERCADO DE PAGAMENTOS

Por Paula Andrade

Talvez você não saiba, mas o Brasil é líder mundial em eficiência, agilidade e segurança nas operações bancárias. Sistemas automatizados de transferências bancárias como DOC e TED são genuinamente brasileiros e servem de modelo para muitas instituições internacionais. Este ano, o Brasil deu mais um passo à frente e o Banco Central anunciou a chegada do Pix, um novo sistema instantâneo de transação financeira que promete revolucionar o mercado de pagamentos no país.

Funcionando de forma experimental desde o dia 16 de novembro, o Pix permite que você faça pagamentos e transferências em tempo real, 24 horas por dia, todos os dias da semana, usando apenas o celular. Com ele, não é mais preciso preencher com a conta, a agência e o CPF do beneficiado. Basta escanear um código de barras ou digitar a "Chave Pix" (código individual) da pessoa no celular. E o melhor de tudo: você não pagará nenhuma taxa por isso, se estiver usando uma conta de pessoa física.

As cooperativas de crédito de todo o país enxergaram as inúmeras oportunidades abertas pelo Pix e — além de já estarem oferecendo esse serviço aos cooperados — começaram a estudar novas maneiras de usar a tecnologia. O objetivo é um só: potencializar as vantagens do Pix para os nossos cooperados. E para falar sobre o assunto, convidamos especialistas dos dois bancos cooperativos do Brasil: Bancoob e Bansicredi.

“O SICREDI ESTÁ SEMPRE EM BUSCA DE OFERECER NOVAS E MELHORES EXPERIÊNCIAS AOS ASSOCIADOS NA SUA RELAÇÃO COM AS FINANÇAS, E O PIX CHEGA COMO UM RECURSO IMPORTANTE NESSE SENTIDO.”

Cidmar Stoffe,
diretor executivo de produtos e negócios do Sicredi



Em um bate-papo cheio de revelações, o diretor executivo de produtos e negócios do Sicredi, Cidmar Stoffel, e o diretor de operações do Centro Cooperativo Sicoob, Marcus Vinicius Borges, contaram quais os impactos esperados pela implantação do Pix em suas cooperativas. Confira:

Revista Saber Cooperar: O que muda na vida dos brasileiros com a chegada do Pix?

Cidmar Stoffel: O Pix representa uma inovação na forma de transferir, pagar e receber valores, trazendo ainda mais liberdade, segurança, agilidade e conveniência aos usuários. Sabe quando você precisa transferir uma quantia em dinheiro no meio da tarde e a outra pessoa que vai receber precisa esperar até o dia seguinte para a confirmação do valor? Ou quando você lembra de pagar uma conta durante o final de semana? Com o Pix, o valor entrará instantaneamente na conta do recebedor — seja uma pessoa física, pessoa jurídica ou governo para pagamentos das Guias de Recolhimento da União. O Sicredi está sempre em busca de oferecer novas e melhores experiências aos associados na sua relação com as finanças, e o Pix chega como um recurso importante nesse sentido.

Marcus Vinicius Borges: O Pix tem o potencial de trazer mudanças estruturantes na vida cotidiana das pessoas e das empresas que possuem necessidade de realizar pagamentos de diversas naturezas, como compras em estabelecimentos comerciais, presenciais ou digitais, por meio de boletos de cobrança, contas de consumo (água, luz, telefone), tributos e ainda da realização de transferências entre pessoas e empresas. Tal potencial é gerado pelos novos conceitos trazidos pelo Pix, como a instantaneidade da realização das transações, que se efetivam em até 10 segundos; a disponibilidade, já que o sistema funcionará 24 horas, sete dias por semana; a diminuição de custos, pois há uma redução significativa na quantidade de intermediadores das transações de pagamentos; o custo muito baixo das transações Pix e ainda a regulação do Banco Central determinando isenções em algumas transações, como, por exemplo, entre pessoas físicas.

E para as cooperativas de crédito? O que o Pix traz de benefícios para o nosso sistema?

CS: O grande diferencial do novo meio de pagamento é que ele é um passo importante na evolução do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e, portanto, do cooperativismo de crédito brasileiro. A novidade chega para modernizar os mecanismos, que até então eram guiados por um conjunto de regras existentes há quase duas décadas. O Pix, é mais uma opção importante com a qual os associados podem contar em nossas cooperativas. E além de muito mais segurança, eficiência e agilidade nas operações, a

plataforma também vai ao encontro de uma série de iniciativas das instituições financeiras voltadas para uma jornada de transformação digital na relação com clientes e associados.

MVB: As cooperativas de crédito enfrentarão desafios importantes com o lançamento do Pix. Há uma forte tendência no aumento da concorrência promovida pela entrada de diversos novos *players* fornecendo contas correntes e contas de pagamentos para que as pessoas e empresas possam realizar suas transações. Porém, as cooperativas estão bem posicionadas para enfrentar esse desafio. Com uma atuação que mescla soluções digitais completas e presença nas localidades, tendem a ter maior fidelidade dos cooperados no uso de produtos e serviços, e, portanto, poderão utilizar todos os argumentos positivos do Pix e ainda complementá-los com uma oferta do portfólio de produtos/serviços em condições mais justas. Em relação ao mercado, a nova solução de pagamento está muito alinhada aos pilares do Sicoob, tais como o incentivo à maior inclusão e justiça financeira no Brasil.

Como o seu sistema está se preparando para a chegada do Pix?

MVB: O Sicoob foi uma das primeiras instituições a se homologar perante o Banco Central para realização das transações previstas no Pix. Com isso, tivemos ainda a oportunidade de realizar testes de forma antecipada e disponibilizar, na data e horário previstos, a solução para cadastro de chaves Pix conforme cronograma do Banco Central. Toda nossa solução tecnológica já está pronta para a entrada em funcionamento das transações de pagamentos e recebimentos previstas para o próximo dia 16/11.

CS: Em setembro, o Sicredi ativou a etapa de pré-cadastro do Pix, para que nossos associados pudessem antecipar o registro do seu interesse em utilizar a modalidade conosco. Agora, até 15 de novembro, faremos o cadastramento de associados para uso do Pix, que começa a funcionar no dia 16 de novembro. Os associados interessados em usar a solução podem cadastrar as “Chaves Pix”, que podem ser CPF, CNPJ, e-mail e números de telefones celulares, em nosso aplicativo Sicredi e Woop Sicredi. As chaves servirão como identificação dos usuários no momento da operação financeira.

Para o Sicredi, a chegada do Pix ao mercado marca uma evolução importante e reforça as iniciativas que temos desenvolvido para fomentar a inovação no segmento de meios de pagamento eletrônicos,

pois segurança e praticidade são duas questões de extrema importância para nós, e essas tecnologias favorecem isso. Aproveito para comentar que, em maio deste ano, antecipamos aos nossos associados uma experiência semelhante ao Pix, com o lançamento de pagamentos eletrônicos via QR Code pelo aplicativo para transferências e pagamentos entre associados, o que demonstra o caráter inovador que buscamos entregar.

O Banco Central se surpreendeu com a lista de mais de 600 cooperativas pedindo adesão ao Pix. A que se deve essa grande demanda?

MVB: As cooperativas financeiras estão bastante alinhadas às principais inovações do mercado financeiro. Sempre foi assim. Oferecer as melhores ferramentas para que nossos cooperados tenham um cotidiano mais facilitado por um portfólio completo e pela tecnologia de ponta está no nosso DNA, sendo um dos nossos princípios. Além disso, mesmo sendo um segmento específico no mercado financeiro, as cooperativas financeiras competem no dia a dia com os demais bancos e, agora mais recentemente, com as soluções trazidas pelas *fintechs*. Portanto, elas não poderiam ficar de fora da oferta da solução Pix, pois terão assim condições igualitárias de competir por novos cooperados e continuar levando soluções completas e justas aos seus atuais quadros de cooperados.

CS: Essa demanda mostra que inovações como essa não são apenas uma tendência, algo do futuro, mas já são realidade e vieram para ficar. A sociedade está mudando, são novas formas de nos relacionarmos, novas maneiras de consumo e não é diferente com a forma como gerenciamos nossas vidas financeiras. No Sicredi, nossas cooperativas estão muito próximas das comunidades e entendem que a adesão é importante para oportunizar as melhores experiências, mais convenientes, simples, ágeis e seguras, aos seus associados.

Existem outras possibilidades de uso para o Pix ainda não implementadas no Brasil? Quais?

MVB: O Pix trará diversas possibilidades de aplicações em casos de usos das mais variadas naturezas financeiras e, com certeza, muitas ainda não previstas ou sequer imaginadas até então por se tratarem de algo tão novo. Mas podemos pensar em Pix Internacional, antecipação de Pix agendado, Pix garantido, entre outras possibilidades. Acredito ainda que o Pix, conjugado com o projeto de Open Banking do próprio Banco Central, trará uma nova dinâmica de mobilidade no relacionamento com as instituições

financeiras e na realização de suas transações, pois oferecerá mais facilidade na abertura de contas e ainda na realização de transações financeiras de provedores a partir de um único App, trazendo assim mais competitividade ao mercado.

CS: Sim, existem diversas possibilidades de uso do Pix. Podemos citar como exemplo as transações *online to offline*, chamado de O2O, onde uma das partes do pagamento (pagador ou recebedor) está sem conexão de dados. Isso é muito positivo para um contexto de regiões com menor abrangência de rede de dados. Outra possibilidade de uso muito interessante é o pagamento por documento, com transações inteligentes que vincularão os documentos de transferências de bens ao pagamento via Pix. Além disso, no âmbito de Pagamentos Instantâneos, também poderão ser explorados os pagamentos transfronteiriços.

Atualmente, mais de 60% da população brasileira ainda usa dinheiro vivo. O senhor acha que o Pix vai mudar essa realidade?

MVB: É bastante provável que o Pix modifique ao longo do tempo essa realidade. Além de conferir maior rapidez às transações digitais, ele também é muito mais seguro. Veja: será muito mais confortável e prático fazer um pagamento ou uma transferência a partir do celular, com um simples toque, do que andar com dinheiro vivo por aí. Acredito que a população vai se adaptar aos poucos a essa nova realidade.

CS: Acredito que essa realidade irá mudar aos poucos e a agilidade e praticidade que o Pix entrega com certeza impulsionará esse movimento. Essa mudança também vai acontecer por meio de outros recursos apresentados pelas instituições financeiras nos últimos anos. A adesão a essas tecnologias irá ocorrer de maneira gradual e o cooperativismo de crédito, com sua capilaridade e potencial de gerar inclusão financeira, levando os benefícios dos serviços financeiros a diversas regiões do país, tem muito a contribuir com isso.

Caminhamos para nos tornar uma "sociedade cashless", com operações financeiras mais sustentáveis, sem circulação de moeda em espécie, sem os riscos gerados na movimentação do dinheiro físico, com menos impacto ambiental e muito mais digital, com tudo disponível por meio de um simples clique, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Alguns impostos até pouco tempo só podiam ser pagos em bancos públicos ou por bancos cadastrados junto às concessionárias. O Pix vai resolver esse problema?

MVB: Sim, as pessoas e empresas poderão pagar impostos e taxas de serviços (assim que disponíveis) diretamente pela plataforma Pix, pois essas transações não estarão limitadas a serem realizadas apenas em instituições que possuem convênio de arrecadação com o governo ou com as empresas concessionárias. Isso vai facilitar demais o dia a dia e até evitará deslocamentos de determinadas IF's para pagamentos de contas, por serem pagáveis somente nelas.

CS: Ele ajudará a promover mudanças neste mercado, porém a velocidade de progresso dependerá de atualizações de processos e tecnologia dos entes governamentais para mudarem seus fluxos de conciliação e controles fiscais, bem como mudanças regulamentares para contratação de entidades financeiras para prestação de serviços. Já no segmento de serviços de consumo, como água, energia e telecomunicações, a sua adequação tende a ser mais rápida. Também cabe salientar que a cultura de pagamentos em espécie, ainda existente, é um freio a uma adequação mais intensiva ao Pix por este meio no curto prazo.

Você acredita que o Pix vai acabar com meios de pagamento como o DOC/TED e os boletos?

CS : O Pix será uma alternativa à TED (Transferência Eletrônica Disponível) e ao DOC (Documento de Ordem de Crédito). Mesmo com a nova forma de pagamento, no Sicredi, as opções de TED e DOC continuarão disponíveis. O diferencial é que a partir de 16 de novembro os associados terão mais uma opção. Não será uma substituição, e, sim, algo que vem para acrescentar.

MVB: Ao longo do tempo, esses meios de pagamentos, assim como o pagamento por cartão de débito, realmente serão os mais ameaçados com a entrada do Pix. Porém, não acredito que irão acabar de uma hora para outra. Haverá um tempo para as pessoas e empresas conhecerem, confiarem e se adaptarem. Entendo que o Pix será complementar aos demais meios de pagamentos existentes que possuem características e facilidades que, em determinados momentos, continuarão fazendo sentido serem utilizados em detrimento ao Pix.

E como ficam os cartões de crédito com a chegada do Pix?

CS: Em um primeiro momento, espera-se um baixo impacto nas transações com cartões de crédito, visto que o Pix necessita de disponibilidade imediata do recurso financeiro em conta corrente. Já o cartão de crédito se equivale a um instrumento de crédito, que visa o financiamento/parcelamento de compras de maior valor, pagamento em até 40 dias das compras do dia a dia, além dos benefícios e programas de recompensas muito valorizados pelos usuários de cartão.

MVB: Os cartões de crédito possuem características comerciais, como por exemplo: comprar com pagamento em data futura, possibilidade de parcelar uma compra e ainda participar de programas de fidelidade robustos que ainda não são contemplados pelo Pix. Com isso, eles ainda terão uma representatividade muito forte no dia a dia de compras da população e de empresas. É sempre importante destacar que o Pix possui características e facilidades que promoverão sua utilização pelas empresas/pessoas, mas os meios de pagamentos atuais estão bem consolidados e com características que facilitam o dia a dia, trazendo benefícios aos usuários. Portanto, haverá uma convivência entre eles.

A chegada do Pix seria possível sem a participação do Banco Central?

CS: O Sistema Financeiro Nacional (SFN) já vinha na direção de criar recursos semelhantes ao Pix, algo que vem sendo impulsionado há alguns anos pela disseminação do conceito de Open Banking. No entanto, o Banco Central exerce papel fundamental para a implementação de uma inovação como essa em grande escala e de modo que os princípios éticos concorrenciais sejam respeitados.

MVB: O papel do Banco Central está sendo fundamental para a implementação do Pix, pois, mais do que atuando como um órgão regulador, ele está sendo o grande orquestrador de todo o processo, estruturando grupos de trabalho que envolvem todos os segmentos do mercado, realizando eventos de divulgação e criando uma regulamentação que permite um aumento expressivo da competitividade no uso de meios de pagamento no Brasil. Sem dúvida, a atuação até então do Banco Central será um dos principais pilares de sucesso do Pix. Agora, cabe às instituições exercerem o grande papel de fornecedores das soluções de uso do Pix, sendo esse o segundo pilar. Como o terceiro e mais importante, serão as empresas e a população que deverão compreender o Pix como um grande facilitador do seu dia a dia de transações financeiras e utilizá-lo cotidianamente. ■

"SEM DÚVIDA, A ATUAÇÃO ATÉ ENTÃO DO BANCO CENTRAL SERÁ UM DOS PRINCIPAIS PILARES DE SUCESSO DO PIX."

Marcus Vinícius Borges,
diretor de Operações do
Centro Cooperativo Sicoob

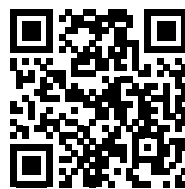




Vem
ser coop!

TUDO
AO SEU
REDOR
JÁ É!

Confira o vídeo
da campanha no
YouTube:



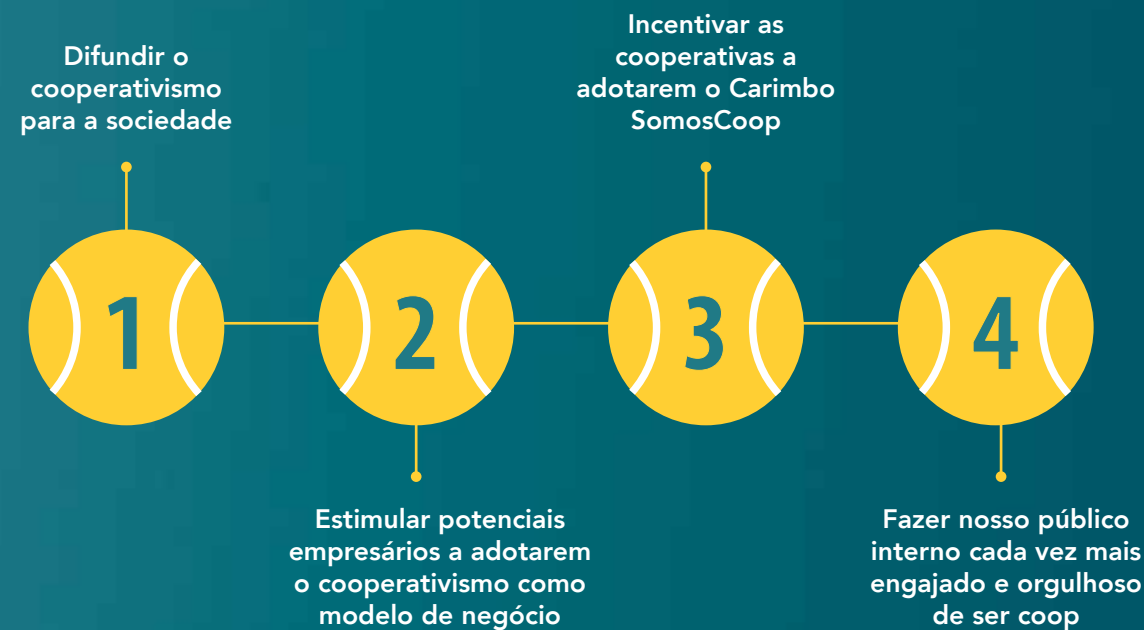
**O COOPERATIVISMO
BRASILEIRO GANHOU SUA
PRIMEIRA CAMPANHA
NACIONAL DE DIVULGAÇÃO.
TODO O BRASIL ESTÁ
SENDO CONVIDADO A
SE JUNTAR AO NOSSO
MOVIMENTO NO RÁDIO,
NA TV E NA INTERNET**

Por Guaira Flor

Já está no ar, em todo o Brasil, a primeira campanha nacional de divulgação do cooperativismo. E ela tem como embaixador Gustavo Kuerter, o Guga, um atleta ético, ligado à família, cuidadoso com as pessoas e consciente de que toda conquista duradoura depende do trabalho duro. Enfim, um brasileiro que tem tudo a ver com os valores do nosso movimento.

“Para mim é sempre especial trabalhar com o cooperativismo, porque está dentro da nossa filosofia de colaborar e trabalhar em equipe. Há praticamente 10 anos nós iniciamos uma parceria com uma cooperativa que fez todo o sentido, porque podemos aprender ainda mais sobre esse tema. Eu me sinto muito confortável em poder falar sobre o cooperativismo, porque é algo que vem desde a nossa infância dentro de casa, passando pela carreira no esporte, até a filosofia da nossa empresa”, explica Guga.

Idealizada pelo Sistema OCB e assinada pelo Movimento SomosCoop, a campanha publicitária tem quatro objetivos principais:





“PARA MIM É SEMPRE ESPECIAL TRABALHAR COM O COOPERATIVISMO, PORQUE ESTÁ DENTRO DA NOSSA FILOSOFIA DE COLABORAR E TRABALHAR EM EQUIPE. HÁ PRATICAMENTE 10 ANOS NÓS INICIAMOS UMA PARCERIA COM UMA COOPERATIVA QUE FEZ TODO O SENTIDO, PORQUE PODEMOS APRENDER AINDA MAIS SOBRE ESSE TEMA....”

Gustavo Kuerter,
Tricampeão de Roland Garros

Para o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, a campanha teve outro significado especial: “O Brasil pós-pandemia precisará de mais cooperação e do cooperativismo para voltar a crescer. Era fundamental posicionar nosso modelo de negócios agora, mostrando a todos os brasileiros que já estamos presentes nos principais setores da economia, fazendo o possível para melhorar as vidas de todos os brasileiros”.

Divulgação em ondas

Para garantir a visibilidade do cooperativismo tanto em meios tradicionais, como TV e rádio, quanto na internet, nossa campanha será dividida em duas ondas.

A primeira delas acontece na primeira quinzena de novembro e a segunda na primeira quinzena de janeiro (veja imagem).

“No intervalo entre as ondas, teremos a sustentação exclusivamente on-line, nas redes sociais”, explica a gerente de Comunicação do Sistema OCB, Daniela Lemke. “Após a campanha, continuaremos contando com a imagem do Guga em nossa comunicação, eforçando as mensagens que estabelecemos para trabalhar com a sociedade e o nosso público interno”.

Vale destacar: atualmente, o tenista lidera, ao lado do irmão, uma holding que tem como visão semear bons princípios e como missão gerar oportunidades e negócios com responsabilidade social e desenvolvimento sustentável. Uma sintonia total com o nosso modelo de negócios. ■

Novembro 2020
ONDA 1

MÍDIAS SOCIAIS



TV ABERTA
E TV PAGA



GOOGLE,
SITES E E-MAIL



INFLUENCIADORES



Janeiro 2020
ONDA 2

MÍDIAS SOCIAIS



TV ABERTA
E TV PAGA



GOOGLE,
SITES E E-MAIL



RÁDIO



MÍDIAS SOCIAIS E GOOGLE



Dezembro 2020
SUSTENTAÇÃO

MÍDIAS SOCIAIS E GOOGLE



Fevereiro 2020
SUSTENTAÇÃO

COMO ESTAMOS NOS APRESENTANDO NA CAMPANHA?

Todas as peças publicitárias destacam: o cooperativismo é um movimento feito por pessoas e para pessoas. E ele já está em toda parte, gerando trabalho, emprego e renda para milhares de brasileiros. Além disso, nosso embaixador esclarece que, no cooperativismo, a rede (de pessoas) está sempre a nosso favor, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa, ética e sustentável.

COOPERATIVISMO EM NÚMEROS

- **15 milhões de brasileiros** estão ligados de alguma forma a uma cooperativa. Esse número equivale a 25% da população brasileira, se somarmos o número de cooperados, familiares, empregados e fornecedores diretos
- **425,3 mil** empregos gerados
- **R\$ 7 bilhões** injetados na economia por meio de impostos e tributos recolhidos
- **+6.800** cooperativas

Agro 4.0

DESCUBRA COMO AS NOVAS TECNOLOGIAS E O COOPERATIVISMO ESTÃO AJUDANDO A CONSOLIDAR O PROTAGONISMO DO BRASIL NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE ALIMENTOS



“DESDE A PREPARAÇÃO DO SOLO ATÉ A COLHEITA, TEM VÁRIOS ELEMENTOS QUE REDUZEM O POTENCIAL DE CRESCIMENTO DAS PLANTAS, FALTA DE NUTRIENTES, PRAGAS, ENFERMIDADES, FALTA DE ÁGUA. E A INFORMAÇÃO PODE FAVORECER O SEU CRESCIMENTO. É AÍ QUE A AGRICULTURA DE PRECISÃO OU AGRO 4.0 AJUDA O PRODUTOR A COLOCAR A SEMENTE NO LOCAL CERTO.”

Ricardo Inamasu,
pesquisador da Embrapa Instrumentação.

Por Débora Brito

A vida no campo já não é a mesma. Uma revolução silenciosa tem transformado o modo de produzir alimentos e outros produtos no Brasil. Ciência de dados, inteligência artificial, sistemas robotizados, satélites, tratores inteligentes, tudo isso da porteira para dentro da propriedade rural. E tudo isso com impacto para muito além das fronteiras da fazenda. É o chamado Agro 4.0 — caracterizado pelo uso intensivo de novas tecnologias pelos pequenos, médios e grandes produtores rurais.

No Brasil de 2020, 84% dos produtores rurais usam pelo menos um tipo de tecnologia no campo, segundo pesquisa realizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em 556 municípios.

O estudo também revela algumas das motivações dos produtores para o uso das tecnologias. A obtenção de informações para o planejamento das atividades de produção é o principal objetivo de 65% dos produtores entrevistados. Em seguida, estão a gestão da propriedade rural (43% dos agricultores), compra e venda de insumos (40%) e previsão de riscos climáticos, como geadas, granizo, veranico e chuvas intensas (30%).

“Desde a preparação do solo até a colheita, tem vários elementos que reduzem o potencial de crescimento das plantas, falta de nutrientes, pragas, enfermidades, falta de água. E a informação pode favorecer o seu crescimento. É aí que a agricultura de precisão — ou Agro 4.0 — vai ajudar o produtor a colocar a semente no local certo”, explica Ricardo Inamasu, pesquisador da Embrapa Instrumentação.

A principal característica da agricultura de precisão é a utilização de sistemas sustentáveis de produção e coleta de informações relacionadas às características detalhadas do solo, clima e culturas de uma propriedade. Assim, o produtor rural pode ser preciso no planejamento do plantio, da irrigação, da colheita, do armazenamento e da distribuição.

“Ao utilizar os insumos de forma precisa, o produtor rural também economiza e pode transferir os custos para o beneficiamento ou outra etapa da produção, ganhando mais rentabilidade e competitividade”, explica o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, um entusiasta do Agro 4.0.

Cooperação no campo

A inovação digital invadiu a agropecuária brasileira, que viu na última década um crescimento exponencial do emprego das novas tecnologias em campo. Ainda de acordo com a pesquisa da Embrapa, os ganhos percebidos pelos produtores são vários, desde aumento da produtividade, maior eficiência da mão de obra até a melhoria da qualidade da produção, redução do impacto ambiental, melhor planejamento, aumento do lucro e das vendas diretas aos consumidores.

Outro dado relevante que a pesquisa traz é sobre o meio pelo qual o produtor teve contato com as tecnologias digitais. A maior parte dos entrevistados teve acesso às soluções tecnológicas por meio de consultoria ou serviços oferecidos por associações, coopera-

tivas, sindicatos e Organizações Não Governamentais (ONGs).

Segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017), aproximadamente 11% dos estabelecimentos agropecuários do Brasil estão vinculados a uma cooperativa. Se levar em consideração a área das propriedades, a porcentagem sobe para 20%. Entre os cooperados, quase 64% recebem algum tipo de orientação técnica do cooperativismo, aponta o censo do IBGE.

“A cooperativa traz algo muito favorável para os pequenos produtores. Eles não conseguem investir em grandes máquinas e talvez a cooperativa, por disponibilizar, consiga trabalhar com produtos diferenciados com maior valor agregado. Nesse sentido, eu acho que o produtor cooperado tem uma vantagem tremenda”, comenta Ricardo Inamasu, da Embrapa Instrumentação.

“A cooperativa tem um potencial enorme para fornecer informação, principalmente para os pequenos produtores, permitindo que eles possam negociar de igual pra igual”, acrescenta o presidente do Sistema OCB.

Para o Departamento de Cooperativismo e Acesso a Mercados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as cooperativas agropecuárias têm maiores condições de fazer a ponte entre o desenvolvimento da agricultura digital no Brasil e as pequenas e médias propriedades.

“Quando falamos em agricultura de precisão, temos a impressão de que ela vai chegar somente nos grandes produtores rurais. Mas, é importante lembrar que, por meio de um cooperativismo

sólido, as pequenas e médias propriedades terão acesso a essa inovação também. As cooperativas têm um papel muito importante. O sistema cooperativo vai ser o grande elo entre a agricultura de precisão e os agricultores familiares”, ressalta Márcio Madalena, médico veterinário e coordenador do Departamento de Cooperativismo do Mapa.

O Ministério iniciou, em parceria com a OCB, um trabalho de intercâmbio de boas práticas produtivas entre as cooperativas de todo o país. “Sabemos que algumas cooperativas têm utilizado essas ferramentas de tecnologia e o objetivo é que essa tendência de inovação possa se tornar rotina nas cooperativas”, afirmou Madalena.

A cooperação ocorrerá por meio de eventos regionais para trocas de experiências entre cooperativas mais adiantadas no processo de digitalização e outras que apresentam mais dificuldades. A estratégia ainda não teve início plenamente em razão da pandemia, mas a ideia é começar virtualmente e expandir para encontros e visitas entre os cooperados.

“Todas as regiões do país tem experiências interessantes. Identificamos que o Nordeste tem um potencial muito grande e o Norte do país, por conta da sociobiodiversidade, da bioeconomia, já tem alcançado alguns mercados interessantes, e tem um potencial de crescimento muito grande, não só na área de gêneros alimentícios, mas no setor de cosméticos, seguindo todo um arcabouço de responsabilidade social e ambiental, que o cooperativismo carrega na sua essência”, destacou o coordenador do Departamento de Cooperativismo do Mapa.

Foco na precisão

Uma das cooperativas que oferecem serviços de agricultura de precisão no país é a Castrolanda — cooperativa agroindustrial situada em Castro, Paraná. A assistência técnica especializada na agricultura de base tecnológica é oferecida pela cooperativa desde 2014 e já presta o serviço para 81 cooperados, de um total de 464.

“Começamos com o propósito de levar essa oportunidade e esse acesso aos produtores que não tinham a condição de comprar equipamento, máquina para fazer as operações na propriedade. E essa demanda aumentou. Hoje temos uma estrutura bem robusta e oferecemos desde levantamento de dados até corretivo com fertilizantes”, explica o engenheiro agrônomo Rudinei Borgoni, coordenador de Assistência Técnica e Agricultura de Precisão da Castrolanda.



Segundo Borgoni, todos os tipos de produtores têm utilizado os serviços de agricultura de precisão, mas os produtores que apresentam maior demandas têm propriedades com área superior a 300 hectares.

Entre os serviços oferecidos pela cooperativa, está a leitura de condutividade elétrica do solo, para analisar a qualidade do solo e definir as técnicas de manejo. Também é feita coleta de amostras de solo para permitir a aplicação exata de corretivo com taxa variável pelas zonas de manejo, conforme a demanda.

Culturas como soja, milho e trigo estão entre as que mais demandam aplicação de fertilizantes, e o serviço mais utilizado é a aplicação de corretivo no solo, com gesso e calcário.

“Temos também a possibilidade de fazer a leitura por NDVI (Índice de Diferença Normalizada de Vegetação, tradução livre) da cultura, para ter essa visibilidade diferenciada sobre o que a cultura está precisando em cada ponto, em termos de aplicação nitrogenada. É a leitura da biomassa que tem no solo e através dos dados a gente consegue ver onde tem maior demanda de nitrogênio ou onde não precisa de nitrogênio”, explicou o agrônomo.

A cooperativa está se preparando para usar novas tecnologias de leitura e interpretação de satélite com o objetivo de começar a oferecer o serviço de recomendação técnica de plantio e semeadura a taxas variáveis, que permitem a aplicação correta de insumo, conforme a característica de cada talhão.

“Todo ano, nossa área de produção vem aumentando. Os produtores e a área técnica veem esse processo como um caminho sem volta. A agricultura de precisão é uma área que deve ter um crescimento bastante grande, em decorrência dos resultados obtidos”, destaca Borgoni.

A base de dados para essa nova etapa está sendo feita pela Fundação ABC, que realiza pesquisas sobre soluções tecnológicas para a agricultura, a pecuária, zootecnia, insumos e outros, para a Castrolanda e outras cooperativas.

A mais nova ferramenta em desenvolvimento na Fundação é a plataforma Sigma, que irá integrar na web todos os dados sobre solos, cultivos, épocas de plantio, tipos de manejo, colheita, produtividade, fatores ambientais, clima e precipitação de todas as cooperativas.

“Essa ferramenta vai nos auxiliar e dar uma segurança muito grande no momento da recomendação técnica e facilitar a vida do produtor, porque ele vai conseguir talhão a talhão fazer a gestão do negócio dele de forma muito assertiva”, completou Borgoni. Aliado ao trabalho da agricultura de precisão, a cooperativa também tem estimulado os produtores a seguir as boas práticas de produção para conquistar certificações ambientais, como a Certificação RTRS, que assegura a sustentabilidade do processo produtivo, além da saúde e da segurança do trabalhador em campo.

Consultoria

Pouco mais de 30% dos produtores rurais brasileiros conheceram as novas tecnologias do Agro 4.0 depois de receber consultoria ou serviços públicos e 19% contrataram consultorias especializadas. Os dados são da pesquisa da Embrapa, do Inpe e Sebrae apresentada no início desta reportagem.

Uma das primeiras agências especializadas em consultoria de agricultura digital é a Agroexata, sediada em Campo Grande (MS). A empresa atua em sete estados e tem cooperativas entre os clientes, como a Coopsema, de Maracaju (MS).

O consultor de agricultura de precisão, Fábio Camargo, explica que o primeiro passo do projeto consiste em um planejamento com o produtor, seguido pela coleta de informações sobre o solo da propriedade, com amostras retiradas a cada quatro ou até 30 hectares.

A consultoria é responsável pelos mapas de satélite em 3D, que geram um volume grande de informações. O trabalho é extremamente técnico e envolve a participação ativa dos funcionários da propriedade rural.

“Quanto mais amostras tirarmos, melhor a visão do solo. Daí o produtor calcula a quantidade do fósforo, em geral taxa fixa, e de calcário, gesso e KCL – esses três em taxas variadas no talhão. Dessa maneira, conseguimos otimizar o recurso, só joga o insumo que precisa, no lugar do que precisa”, explica o consultor.

Segurança alimentar

O pesquisador da Embrapa Ricardo Inamasu acredita que a revolução digital certamente irá fortalecer o Brasil em sua posição como grande produtor mundial de alimentos e ainda melhorar a imagem do país sobre a qualidade e sustentabilidade dos produtos.

“A agricultura de precisão pode favorecer a segurança alimentar mundial, fazendo um sistema mais confiável. É o valor agregado, nesse novo mundo com mais informação. As pessoas tendem até a querer pagar mais por um alimento que promova a sustentabilidade”, destaca Inamasu.

O Departamento de Cooperativismo e Acesso a Mercados do Ministério da Agricultura também aposta que o incremento da tecnologia nos sistemas produtivos levará os produtos brasileiros a outro patamar de qualidade e confiabilidade no mercado internacional.

“Com essa revolução digital, o consumidor tende a exigir um arcabouço de responsabilidades dos setores produtivos. O Brasil tem sentido isso na pele e o cooperativismo carrega na sua essência a responsabilidade social e a ambiental. Então, acreditamos que, dentro dessa questão da inovação e da agricultura 4.0 – já tem gente falando em 5.0 –, o cooperativismo vai ser esse elo forte do avanço tecnológico com pequenos, médios produtores e com a sustentabilidade”, reitera Márcio Madalena, que coordena o Departamento de Cooperativismo e Acesso a Mercados do Ministério da Agricultura.

Juventude no campo

Outra aposta do setor sobre o Agro 4.0: as novas tecnologias do campo podem atrair mais profissionais jovens para o campo. O censo agropecuário mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que os jovens com menos

de 30 anos representam apenas 5% dos produtores ocupados no campo — um número que precisa aumentar urgentemente para garantir a sustentabilidade do agro-negócio.

O consultor Fábio Camargo, 32 anos, é um dos profissionais da nova geração que se aproximaram do mundo agro por causa da tecnologia. Natural de São Paulo, onde ficou até os 17 anos, Fábio se formou em agronomia pela Universidade Federal de Lavras e se especializou durante a graduação em análise de dados de satélite.

Como sempre gostou de tecnologia, chegou a fazer um intercâmbio em uma universidade agrária no Canadá, experiência que am-

pliou horizontes sobre relação dos mundos agropecuário e digital.

De volta ao Brasil, ele fez estágio em uma fazenda de Mato Grosso do Sul que produz soja, milho e gado de corte. O ótimo desempenho levou à contratação pela empresa onde ainda trabalha. “Fui contratado em fevereiro de 2016 para cuidar das imagens de satélite e dos drones dos clientes. Trabalho num escritório, fazendo projetos para o campo”, relata Fábio.

O agrônomo também é responsável pelo Projeto Preá, que recruta profissionais jovens com habilidades nas novas tecnologias aplicadas ao agro. Além disso, Fábio se engajou no grupo jovem da Fe-

deração da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), que promove encontros e discussões sobre a participação de profissionais mais jovens no trabalho do campo.

“A maioria dos participantes do Famasul ainda tem ensino técnico ou superior na área agropecuária, mas queremos falar também com o jovem advogado, médico e administrador, porque o agro demanda profissionais de todas as áreas”, ressalta. Ainda segundo ele, a cada evento promovido, sempre aparecem novas pessoas, que não tem nada a ver com o mundo agro e nem são herdeiros de produtores rurais. “Com certeza a tecnologia está contribuindo para isso”, conclui Fábio.

O CONSULTOR FÁBIO CAMARGO, 32 ANOS, É UM DOS PROFISSIONAIS DA NOVA GERAÇÃO QUE SE APROXIMOU DO MUNDO AGRO POR CAUSA DA TECNOLOGIA.



Desafios

Um dos problemas que hoje afastam o jovem do campo é a baixa conectividade (acesso à internet) na área rural.

“A conectividade é um problema na nossa região. Não sabemos ainda ao certo o caminho que devemos seguir. Hoje temos a possibilidade de 4G da área privada; tem a possibilidade no ano que vem do leilão da internet 5G, mas, quando vamos ter acesso? Precisamos nos preocupar com essa questão, porque não temos como avançar sem a internet”, reforça Rudinei Borgoni, da Castrolanda.

Ciente desse desafio, a OCB já está trabalhando na construção de uma política pública de fomento a conectividade no campo. “Acreditamos que o cooperativismo é uma ferramenta eficiente para levar as novas tecnologias, a internet e o Agro 4.0 ao campo brasileiro. As cooperativas, aliás, serão fundamentais para a universalização do acesso à internet, principalmente entre os pequenos produtores rurais”, afirma Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB.

Além da falta de conexão à internet, os produtores indicam outros problemas para a implementação da agricultura de precisão, como o alto valor do investimento para a aquisição de máquinas, equipamentos ou aplicativos (67%), considerando que boa parte dessas ferramentas ainda é importada.

Outros gargalos mencionados na pesquisa da Embrapa são: o valor para a contratação de prestadores de serviços especializados (44%); a falta de conhecimento sobre quais

são as tecnologias mais apropriadas para o uso na sua propriedade (41%); custos operacionais (36%); falta de capacitação própria (35%); e acesso a créditos (35%).

O consultor Fábio Camargo acrescenta que a área demanda atualização constante do conhecimento e qualificação especializada. Outro desafio citado pelo profissional, e que já vem sendo tratado pela Associação Brasileira de Agricultura de Precisão, é o formato dos arquivos das informações.

“Hoje não tem um padrão, tem vários maquinários e cada um lê só um tipo de arquivo. Às vezes o produtor tem mais de um tipo de máquina e dá um pouco de trabalho para fazer os dados conversarem”, explica Fábio.

Soluções

Fábio Camargo, da Famasul, acredita que a conexão permitida pelo cooperativismo pode contribuir para sanar esses desafios entre os cooperados e impulsionar a digitalização no campo, apesar dos gargalos ainda presentes.

“Por aumentar a proximidade entre os cooperados, a favorece o intercâmbio de informações de produção e impulsiona o serviço. O cooperativismo traz um ganho muito grande para o produtor, porque une as pessoas, aumenta o grau e a qualidade da informação que os produtores recebem, e isso faz diferença na adoção da tecnologia”, declara.

A coordenação de cooperativismo do Ministério da Agricultura informa que a pasta, por meio da Secretaria de Inovação, tem trabalhado diretamente com esses desafios, principalmente a questão

da conectividade. A aposta é que as cooperativas, principalmente as de crédito, contribuam com o avanço da internet e o acesso dos produtores às novas tecnologias.

“Temos observado que isso vai avançar e sabemos que quem está interiorizado, quem tem capilaridade no país em termos de produção rural, são as cooperativas. Hoje elas já apoiam a comercialização dos produtos e impactam o giro da economia, então, para o avanço da conectividade, o papel delas será muito parecido”, afirma Madalena.

“Os desafios já estavam postos antes e foram acentuados pela pandemia. Mas, observamos que o setor produtivo de alimentos se manteve resiliente. O agro brasileiro, em qualquer crise, tem deixado sua força impressa no PIB. É um setor que tem muito a crescer”, ressaltou Madalena.

Lopes de Freitas acrescenta: a intercooperação é um caminho seguro para o fortalecimento do Agro 4.0. “Existem muitas oportunidades de crescermos juntos, fazendo alianças entre as cooperativas agropecuárias (usuárias da tecnologia), as cooperativas de infraestrutura (fornecedoras do serviço de telecomunicação) e as cooperativas de crédito (financiadoras da inovação)”, defende. Já existem algumas iniciativas surgindo nesse sentido e o Sistema OCB está buscando divulgar e fomentar ações nesse sentido. Para saber mais sobre o assunto, entre em contato com a unidade estadual mais próxima de sua cooperativa. ■

ECOSSISTEMA ATIVO

De acordo com o Radar AgTech 2019, o Brasil já possui mais de 1.100 startups voltadas para o agronegócio. Várias delas fazendo parcerias com grandes empresas e cooperativas. Essas agritechs florescem em meio a um ecossistema de inovação que não para de crescer no Brasil e envolve: universidades, aceleradoras, empresas de consultorias, investidores, órgãos do governo federal e estadual, além das próprias cooperativas.

DE UMA cooperativa PARA OUTRA

PLATAFORMA COOPERABRASIL INCENTIVA A REALIZAÇÃO DE NEGÓCIOS ENTRE ORGANIZAÇÕES COOPERATIVISTAS

Por Adriana de Araújo

Nossos ancestrais sobreviveram e perpetuaram a espécie graças à cooperação entre os membros do grupo a que pertenciam. Quem sustenta isto é o escritor israelense Yuval Noah Harari em seu best-seller, o livro *Sapiens* – Uma breve história da humanidade. E não só. Especialistas de todo o mundo apontam a capacidade colaborativa como um dos principais atributos para a humanidade enfrentar os efeitos do novo coronavírus. Nesse cenário, as cooperativas largam na frente. Afinal, cooperar é o nosso negócio.

O Brasil conta, hoje, mais de 15 milhões de cooperados distribuídos em 6.680 cooperativas de diversos ramos. Diante de tamanha pluralidade de pessoas, produtos, serviços e ideias, é perfeitamente possível encontrar — dentro do próprio setor — soluções para superar este momento. Para ajudar todo este pessoal a se encontrar no mundo virtual, o Sistema OCB lançou, em abril, a plataforma CooperaBrasil. A vitrine virtual reúne cooperativas, produtos e serviços em um único espaço na internet. O objetivo é incentivar a intercooperação, ou seja, realização de negócios entre as cooperativas.

Até meados de junho, quase 240 cooperativas de todo o Brasil já estavam divulgando seus produtos e serviços na plataforma. Na ferramenta, o usuário pode buscar aquilo de que precisa, pesquisando por estado e município. Produtos como chocolates, carnes, verduras, grãos e até energia eólica são oferecidos por meio da plataforma. E não para por aí. Também há oferta de serviços de crédito, transporte de mercadorias e assistência em saúde.

“Sempre incentivamos as pessoas a comprarem do cooperativismo. Elas pensam: ‘Ok. Eu quero

comprar de uma cooperativa da minha cidade, mas não sei quais atuam aqui’. Por isso, apesar de o foco serem as cooperativas, o site está disponível para todas as pessoas que queiram buscar produtos e serviços do cooperativismo. Ali elas saberão onde encontrá-los”, explica a gerente-geral da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Tânia Zanella.

Segundo Tânia, o CooperaBrasil surgiu como uma resposta rápida da OCB à pandemia. “Perguntamos aos dirigentes de cooperativas quais eram as dificuldades para fechar negócios no contexto

atual e do que eles precisavam. A principal demanda foi por divulgação de produtos e serviços”.

A iniciativa se soma a outras ações do Sistema OCB para amenizar os efeitos negativos do novo coronavírus e ajudar as cooperativas a encontrar novas estratégias de vendas. Nos últimos meses, por exemplo, a organização lançou diversos materiais para contribuir com a inserção do cooperativismo no mercado digital. Entre eles, os e-books *Como vender na internet*, *Marketing Digital em Tempos de Crise* e *Como criar aulas on-line*. De acordo com a ge-





rente-geral da OCB, um dos efeitos da pandemia é o crescimento dos negócios no ambiente virtual, uma realidade que veio para ficar e que traz muitos desafios, e também oportunidades para o setor.

O CooperaBrasil é aberto a qualquer cooperativa, mesmo as que não integram o Sistema OCB. **Para participar, os interessados precisam acessar o site** (<https://www.cooperabrasil.coop.br/>) e preencher o formulário de adesão. É possível indicar informações de contato da cooperativa, produtos e serviços oferecidos, além de canais de vendas e mídias sociais.

Entre as cooperativas que já se cadastraram, a maioria é do Ramo Agropecuário, seguido pelo Ramo Transporte. O setor de Trabalho, Produção de Bens e Serviços vem em terceiro lugar. Na sequência aparecem Saúde, Crédito e Infraestrutura. Rio Grande do Sul é o estado com mais cooperativas inscritas, mas houve adesões de Norte a Sul, totalizando 21 estados representados e mais de 150 municípios.

Juntos vamos mais longe

Para a gerente de negócios da Cooperativa dos Suinocultores do Caí Superior, Caroline Ferreira, a CooperaBrasil é uma oportunidade de alcançar outros mercados em nível nacional. "É mais uma forma de divulgar a existência da cooperativa, os produtos que oferecemos para todo o Brasil. Em razão da pandemia, tivemos queda na comercialização, em alguns segmentos.

Uma plataforma específica para as cooperativas agrega, pois as pessoas que vão acessá-la têm objetivo de conhecer e comprar de cooperativas."

Localizada no município de Harmonia (RS), a Cooperativa dos Suinocultores do Caí Superior atende, além da Região Sul, estados das regiões Sudeste e Nordeste. Recentemente, começou a exportar seus produtos para outros países. Para chegar até aqui, houve um longo caminho de cooperação. Essa história começou em 1935, quando um grupo de produtores de suínos se juntou para conseguir transportar seus animais até o frigorífico mais próximo, a cerca de 25 quilômetros de distância. Hoje, os cooperados contam com um catálogo de mais de 200 produtos, frigorífico próprio, fábrica de ração para alimentar os animais e três supermercados onde oferecem a carne suína diretamente ao consumidor final.

Vendas para governos (incluindo hospitais e escolas) e para empresas de atacado e indústria representam a maior parte dos negócios da Cooperativa de Suinocultores do Caí Superior. E, mesmo com a pandemia, o faturamento da entidade não caiu. Apesar da queda das vendas para escolas cujas aulas foram suspensas e para restaurantes e hotéis, o bom desempenho junto ao varejo ajudou a manter os resultados positivos.

A intercooperação é outra estratégia importante. Os negócios da Cooperativa de Suinocultores do Caí Superior incluem relação de compra e venda com outras cinco cooperativas gaúchas: Cooperativa Piá, Santa Clara, Languiru, Cosuel e Cooperativa Tritícola Sepeense. Um dos produtos

"SABÍAMOS QUE HAVIA FALTA DE EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPIS) NOS HOSPITAIS, ENTÃO AGIMOS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DA SAÚDE DOS NOSSOS COOPERADOS."

Wilson Borges,
presidente da Cooperativa de Enfermeiros do Amazonas

comprados de outras cooperativas, segundo Caroline, é a carne de frango utilizada na fabricação de salsichas.

Cuidando do outro

A Cooperativa de Enfermeiros do Amazonas é uma das mais de 40 cadastradas no segmento de Trabalho, Produção de Bens e Serviços no CooperaBrasil. Criada há mais de 20 anos, a entidade, formada por auxiliares, técnicos de enfermagem e enfermeiros, atua principalmente em hospitais públicos do estado, sempre selecionada por meio de licitação pública.

Fiel à essência da enfermagem e do cooperativismo, ou seja, à preocupação no cuidado do outro, a Cooperativa de Enfermeiros do Amazonas redobrou a atenção após a chegada do novo coronavírus ao país. Para proteger a todos os profissionais associados, a entidade comprou máscaras, protetores faciais e aventais. "Sabíamos que havia falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) nos hospitais, então agimos para garantir a segurança da saúde dos nossos cooperados", explica o presidente da entidade, Wilson Borges.



Acesse aqui
todos os E-books
produzidos pelo
Sistema OCB



O dirigente espera que a presença na CooperaBrasil ajude esse cuidado a chegar ainda mais longe. “Esperamos galgar outros horizontes e levar nossos serviços a outros estados com a mesma qualidade técnica e atenção ao paciente”, acrescentou Borges.

O campo também é digital

Alcançar novos mercados está entre os objetivos da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão do Centro Nordeste Mineiro (Sicoob Credicenm). Para a presidente da cooperativa, Carla Generoso, a plataforma CooperaBrasil, por sua abrangência nacional, pode auxiliar o Sicoob Credicenm a conquistar novos correntistas e oferecer serviços financeiros para mais cooperativas.

“ESPERAMOS GALGAR OUTROS HORIZONTES E LEVAR NOSSOS SERVIÇOS A OUTROS ESTADOS COM A MESMA QUALIDADE TÉCNICA E ATENÇÃO AO PACIENTE.”

Wilson Borges,
presidente da Cooperativa
de Enfermeiros do Amazonas



Com sede em Guanhães (MG), o Sicoob Credicenm atende 14 municípios do nordeste mineiro, oferecendo serviços bancários com taxas e juros baixos a pequenos produtores rurais. Segundo Carla, a presença digital tem sido uma estratégia importante para vencer os desafios impostos pela Covid-19. Para que ninguém fique de fora, a cooperativa se preocupou em orientar os cooperados no uso das ferramentas. Uma das soluções tecnológicas utilizadas pela entidade é o Sicoob Faça Parte. Desenvolvido pelo Sicoob Nacional e disponível para todas as cooperativas de crédito do sistema, o aplicativo permite a adesão de novos correntistas pela internet. “Hoje já temos 200 novos cooperados que aderiram exclusivamente por meio do banco digital”, comemora Carla.

Para ajudar as cooperativas de produtores da região a vencer os impactos financeiros da Covid, o Sicoob Credicenm renegociou empréstimos tomados por seus clientes e concedeu-lhes novos prazos de pagamento. Em uma ação de intercooperação com outras três cooperativas de Governador Valadares (MG), o Sicoob Credicenm passou a oferecer linhas de créditos com juros mais baixos do que os já praticados no mercado. Juntas, as quatro cooperativas atuam em 35 municípios mineiros. Só o Sicoob Credicenm destinou R\$ 20 milhões para essas operações.

Carla espera que o CooperaBrasil intensifique ainda mais a colaboração entre cooperativas. “Nosso papel de cooperativa é conseguir prosperar com a comunidade da nossa região. Sozinhos, a gente não faz nada. Quando nos juntamos a um outro negócio, à outra expertise, conseguimos ampliar o olhar e trazer resultados efetivos para nossas estratégias. A cooperação é essencial para superarmos este momento de crise, e para que a comunidade se fortaleça e acredite que há pessoas e entidades pensando nelas, dispostas a ajudá-las”, concluiu. ■

DE AMOR E DE

sonhos

**CONHEÇA A HISTÓRIA DE
CELMA GRACE, FUNDADORA
DA COOPERATIVA BORDANA,
QUE SUPEROU A DOR DA
PERDA PARA CONSTRUIR
UM PROJETO COLETIVO DE
EMPODERAMENTO E GERAÇÃO
DE RENDA PARA MULHERES
BORDADEIRAS, EM GOIÂNIA**

Por Lílian Beraldo

No momento mais difícil de sua vida, Celma Grace de Oliveira, 51 anos, buscou ajuda e inspiração nas duas figuras femininas mais importantes de sua jornada: a filha Ana Carolina, vítima de uma leucemia aos 10 anos, e a mãe, Maria José de Oliveira, hoje com 72 anos, uma apaixonada por trabalhos manuais. Com base na força dessas mulheres, ela criou e fundou a Bordana, uma cooperativa de bordado em Goiânia.

Tudo começou em 2007, após a morte de Ana Carolina, filha caçula de Celma. "Fui buscar nos sonhos dela, na minha história de vida, na história da minha mãe e das mulheres que admiro, um novo significado para minha vida. Tenho uma longa trajetória ligada aos movimentos sociais, de resistência, de

“EU QUERIA ME TRANSFORMAR, MANTENDO VIVA A MEMÓRIA DA MINHA FILHA, MAS FAZENDO ALGO QUE FOSSE BASTANTE SIGNIFICATIVO. PORQUE EU TENHO CERTEZA QUE ERA ISSO QUE ELA GOSTARIA QUE EU FIZESSE.”

Celma Grace,
fundadora da Bordana



lutar por um mundo melhor para diminuir as desigualdades e contribuir para melhorar a qualidade de vida das mulheres”, lembra.

Antes de adoecer, Ana Carol acentava o sonho de ser designer de moda, sempre gostou de artes manuais e tinha como brincadeira preferida fazer roupas para as bonecas. Uma paixão herdada da avó. E foi pensando nelas que Celma decidiu convidar outras mulheres para criarem — junto com ela — novos contornos, pontos e tramas para suas vidas.

Mais inclusão

O embrião da Bordana surgiu como um projeto social de geração de renda para as mulheres,

em especial as mães solteiras e donas de casa. Celma convidou um grupo de moradoras do bairro de Caiçaras, onde ainda mora, em Goiânia, e começou a empreitada que iria mudar a sua vida — e a de muitas mulheres — para sempre.

“Eu queria me transformar, mantendo viva a memória da minha filha, mas fazendo algo que fosse bastante significativo. Porque eu tenho certeza que era isso que ela gostaria que eu fizesse”, completa. Uma ideia que foi amadurecendo e crescendo até chegar ao formato de cooperativa.

Desde o início, a intenção da Bordana era atender mulheres com dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, que encontrariam no bordado uma oportunidade de trabalho e renda. Para levar o projeto adiante,

Celma fez uma parceria com a incubadora social da Universidade Federal de Goiás (UFG) e recebeu apoio para estudar e dar início à cooperativa.

Quando começaram as atividades, a Bordana era formada por 10 mulheres. Já na fundação oficial, em 2011, eram 34. Atualmente, a cooperativa goiana conta com 21 mulheres e um homem. “Muitas mulheres acabaram saindo porque mudaram de bairro”, conta.

Desafios

Hoje, com a cooperativa consolidada, Celma afirma que o desafio é incluir mais mulheres, em especial, as mais jovens. Segundo ela, muitas das cooperadas ainda são as fundadoras, com idade média de 75 anos.

“Queremos repassar essa técnica do bordado manual — que é milenar — para mais mulheres, em especial, às mães solo que podem ter dificuldade no mercado de trabalho ou até mesmo de encontrar creches. As cooperativas oferecem oportunidade de trabalho e renda de forma muito digna para que a mulher possa conciliar

as atividades laborais com o cuidar de si e da família”, afirma.

Um outro desafio da Bordana, na visão de sua fundadora, é alcançar melhores resultados financeiros.

“A Bordana faz um trabalho belíssimo de inclusão social e isso está sendo cumprido de forma muito concreta. O impacto na vida delas é muito grande. Mas o impacto econômico ainda é um desafio. Nós precisamos avançar”, afirma destacando que o bordado, assim como o artesanato em geral, é um produto muito complexo de ser comercializado, precificado e de gerar maior produtividade. Outro problema é o reconhecimento, por parte do consumidor, do esforço e do trabalho para geração do produto.

“Queremos introduzir novas técnicas na cooperativa com foco em um maior resultado financeiro”, diz, sobre o futuro. Atualmente, a Bordana mantém uma loja no Shopping Bougainville, localizado em um bairro nobre da capital goiana. Com a pandemia e a consequente queda nas vendas, a cooperativa buscou formas de se manter no mercado por meio das redes sociais, em especial, o Instagram, e também fez parcerias com grandes marcas, como o Magazine Luiza, onde hoje mantém uma loja virtual.

“A BORDANA FAZ UM TRABALHO BELÍSSIMO DE INCLUSÃO SOCIAL E ISSO ESTÁ SENDO CUMPRIDO DE FORMA MUITO CONCRETA. O IMPACTO NA VIDA DELAS É MUITO GRANDE. MAS O IMPACTO ECONÔMICO AINDA É UM DESAFIO. NÓS PRECISAMOS AVANÇAR.”



Vitrine nacional

O trabalho feminino e manual com linhas e agulhas desenvolvido pela Bordana foi destaque no Relatório de Gestão 2019 da OCB, que contou com os bordados feitos pelas mãos talentosas das cooperadas de Goiânia. O intuito era mostrar que os resultados do nosso sistema são como um grande bordado, feito ponto a ponto, com suor, risos, lágrimas e paixão.

Para Celma, foi um orgulho ilustrar um dos mais importantes documentos da OCB. “Eu tenho certeza de que esse é o caminho. Achei superbacana a OCB procurar uma cooperativa para fazer o trabalho [de ilustrar], especialmente o relatório, que é um momento tão importante e tem tanta visibilidade. É essa intercooperação que tem de existir e se fortalecer cada vez mais”, destaca.

Paixão pelo cooperativismo

Celma destaca que, no meio da caminhada de construção da Bordana, descobriu sua paixão pelo cooperativismo. Ela acredita, entretanto, que muita coisa ainda pode (e deve) ser melhorada em nosso movimento, em especial, a intercooperação.

“É preciso que as maiores [cooperativas] olhem mais para as menores e ajudem a fortalecer a ideia de cooperativismo enquanto modelo de negócio para que mais pessoas possam participar e se beneficiar desse que é o modelo do futuro”, aposta.

“A gente já viu que, de forma individual e com base em um capitalismo ganancioso e sem escrúpulos que passa por cima de tudo, nossa sociedade não vai crescer. É preciso pensar um novo modelo de negócios que faça inclusão social e econômica; que pense nas pessoas de verdade. E o cooperativismo faz isso.”

“A GENTE VAI CRESCENDO, COMO COOPERADO E COMO PESSOA.”

Divisor de águas

É com essas palavras que Rosenelia Theiss, 65 anos, define a sua relação com a Bordana, de quem é cooperada desde a primeira reunião, em 2008.

“Eu era muito tímida, não conseguia falar em público, sempre muito retraída. Na Bordana nós fizemos vários cursos, fizemos exposições e, com isso, a vida foi mudando bastante. Pra mim, foi uma diferença da água pro vinho: antes e depois da Bordana. Aliás, não só para mim, como para a maioria das nossas cooperadas”, revela.

Na avaliação de Rosenelia, que não sabia a arte do bordado, a cooperativa foi uma “superação coletiva” para as mulheres que resolveram abraçar o projeto. “Para mim, foi uma válvula de escape. Fiz cursos, gostei muito de bordar. Agora, o bordado faz parte da minha rotina. Aliás, nessa pandemia, o trabalho manual foi a minha salvação porque ele é terapêutico. Não podia sair de casa, então, eu ficava bordando”.

Já a cooperada Gleidy Marques, 53 anos, afirma que, antes de entrar para a cooperativa, bordava por conta própria, quando recebia encomendas. Agora, entretanto, a palavra-chave é união. “A gente trabalha juntas, unidas. Sou uma das donas da cooperativa, mas esse trabalho é em união. Fica mais fácil para lidar com as coisas. Você sempre tem ajuda. É muito aprendizado”, destaca.

Sócia fundadora da Bordana, Gleidy conta que, no início, as mulheres se reuniam, mas não sabiam direito o que queriam fazer. A partir das discussões em conjunto, chegaram ao consenso de criar uma cooperativa de bordado.

“A gente queria resgatar os pontos da vovó que hoje em dia quase não se faz mais. E queríamos fazer o resgate do bioma cerrado. Unindo as nossas ideias, chegamos a essa conclusão. Eu amei a ideia [de criar uma cooperativa] porque eu já bordava [ponto cruz], mas quase não trabalhava com o bordado livre.”

Para dar conta da missão, ela conta que, ao lado de outras cooperadas, foi buscar capacitação em bordado em uma associação na capital goiana. “O que a gente aprendia lá, trazia e ensinava na cooperativa”, revela.

E não foi só sobre linhas e pontos que Gleidy procurou saber mais. Foram nove meses de aula sobre cooperativismo, com ajuda da UFG, inúmeras palestras sobre gestão de negócios, atualização sobre ferramentas e programas de computador (como o Excel) e de conhecimento sobre o mercado e concorrência.

“A gente vai crescendo, como cooperado e como pessoa”, garante. ■

Inspiração para livro

A história de vida de Celma virou inspiração e se transformou em livro. “Um sonho feito de linhas” é uma narrativa baseada em histórias reais de consultoras de uma empresa de cosméticos. De autoria da psicóloga e escritora de obras infantojuvenis Ana Carolina Carvalho, o livro foi lançado em setembro, mês em que se celebra o Dia Mundial da Alfabetização e da Educação Básica no Brasil. As ilustrações são de Andreia Vieira.

A autora ouviu muitas mulheres desbravadoras e que superaram desafios, em diferentes partes do país, e escreveu a obra, uma espécie de “colcha de retalhos” feminina. Celma destaca que a empresa que escreveu o livro teve um papel muito importante de apoio à Bordana em diferentes momentos. Em 2013, o cooperativa recebeu o Prêmio Acolher, destinado a apoiar consultoras que desenvolvem ações sociais. Além de R\$ 15 mil para o projeto, Celma recebeu um ano de consultoria técnica como premiação. “Foi muito importante porque a gente estava começando e aprendi muito sobre gestão e empreendedorismo social”, afirma.

Também por indicação dessa empresa, Celma chegou a ser finalista do Prêmio Mulher da Revista Claudia, em 2015, destinado a contar a história de mulheres inspiradoras.



Vida nova

CONHEÇA AS
COOPERATIVAS QUE
ABRIRAM AS PORTAS
(E OS CORAÇÕES) PARA
RECEBER IMIGRANTES
E REFUGIADOS DE
OUTROS PAÍSES



Por Amanda Cieglinski

Yadira Del Valle Stabilit de Boada, 52 anos, deixou para trás sua casa e seu país em busca de uma vida melhor. Cruzou a fronteira entre a Venezuela e o Brasil por Roraima e, depois de quase um mês de viagem, passando por diversas cidades do país, chegou ao seu destino final: Medianeira (PR), às vésperas do Natal de 2018. Junto com a filha, genro e netos, que também fizeram a travessia, foi lá que encontrou a chance de construir um novo capítulo da sua história, aberto pelo cooperativismo.

“Saímos da Venezuela pela situação terrível que passa nosso país. Eu, meu marido, minha filha e meu genro trabalhávamos e mesmo assim não conseguíamos o suficiente para comprar comida”, lembra a venezuelana, que há pouco mais de um ano trabalha na Frimesa Central, cooperativa do ramo alimentício com mais de 40 anos de história na região.

Em todo o país, cooperativas têm aberto as portas para imigrantes e refugiados (saiba a diferença no quadro) que chegam ao Brasil para recomeçar. Nessa caminhada, a conquista do emprego e de uma fonte de renda estável tem um peso muito importante.

“Populações refugiadas são pessoas que, em razão de guerras e conflitos, têm de deixar seus países para preservar a sua vida e de suas famílias. Isso significa recomeçar do zero porque eles deixam tudo para trás, mas trazem suas capacidades, seus talentos e sua experiência profissional. O emprego vai representar a autonomia, a auto sustentabilidade daquela pessoa e da sua família. E, muitas vezes, o trabalho é o que permite à pessoa se integrar em vários âmbitos”, explica o Oficial de Meios de Vida da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR Brasil), Paulo Sérgio Almeida.

Acolhimento

Assim como Yadira, mais de 264 mil venezuelanos entraram e permaneceram no Brasil nos últimos anos, desde o início da crise migratória. Quando chegou, ela vendeu comidas na rua e trabalhou como diarista até conseguir a vaga na Frimesa, há pouco mais de um ano. Hoje, sua filha e genro também trabalham lá.

A empresa começou a receber imigrantes em 1986, mas o maior número chegou a partir de 2019. Atualmente são 328 trabalhadores estrangeiros de diversas nacionalidades: além dos venezuelanos, há paraguaios, haitianos, cubanos, colombianos e sul-africanos.

“Acolher esses imigrantes tem sido uma experiência muito positiva. Nós temos na nossa essência a prática da responsabilidade social e é justamente uma oportunidade de trabalhar com a inclusão e diversidade. Também é uma forma de inserir novas culturas e eles podem contribuir muito nas atividades com os talentos que trazem, e assim gerar resultados positivos para a cooperativa”, explica Elisa Fredo, gerente de Gestão de Pessoas da Frimesa.

A chegada dos imigrantes na empresa se deu a partir do contato com organizações da sociedade civil que apoiam essa população e procuraram a Frimesa para estabelecer a ponte. Paulo Almeida, da ONU, explica que muitas vezes as empresas, cooperativas ou não, desconhecem que os processos de contratação de refugiados e imigrantes são os mesmos de um profissional brasileiro.

“Fazemos um trabalho de engajamento com o setor produtivo na linha de informar porque há muitas dúvidas sobre o que é essa população. Muita gente desconhece que, seja solicitante de refúgio ou refugiado, essas pessoas têm documentos legalizados, carteira de trabalho, e podem ser contratados como qualquer brasileiro”, explica o oficial do ACNUR.

Para Elisa, o comprometimento dos funcionários imigrantes refugiados é um diferencial. “Às vezes, eles vêm de alguma situação que afetou profundamente a vida deles, então valorizam essa oportunidade, o que é uma vantagem para a cooperativa”, pontua. De acordo com Almeida, há de fato estudos que apontam uma taxa de rotatividade desse público menor do que a média.

Cooperação

Ainda não há um levantamento da participação dos imigrantes estrangeiros nas cooperativas brasileiras, apesar dos relatos de várias partes do país do aumento dessas contratações. Professora do programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas da Pontifícia Universidade do Paraná (PUC-PR), Leila Dissenha estuda o tema para entender as potencialidades dessa parceria.

“Nós temos o princípio do interesse pela comunidade e o da educação, então essa atitude de acolhimento se coaduna perfeitamente com as bases do cooperativismo”, afirma.

Há um projeto de iniciação científica em andamento na instituição para fazer uma radiografia da presença de imigrantes e refugiados nas cooperativas brasileiras. “É preciso aprimorar esse trabalho de intermediação porque muitos refugiados que chegam ao Brasil já têm uma formação que interessa às cooperativas: são veterinários, agrônomos, técnicos em segurança do trabalho. A cooperativa já faz seu papel econômico tão brilhantemente, ela também pode fazer esse papel social que é tão relevante”, acredita.

Vida nova

Atualmente, a venezuelana Yadira trabalha na área de produção de frios da Frimesa, mas sua formação é em administração, função que exercia antes na Venezuela. Almeida destaca que imigrantes e refugiados que chegam ao Brasil são pessoas de todas as classes e com perfis variados.

“Muitas vezes são pessoas com formação educacional elevada, mas que não escolheram sair dos seus países, fizeram para preservar suas vidas”, lembra. Para ele, a contratação desses profissionais é um “ganha-ganha”: os estrangeiros conquistam uma oportunidade e a cooperativa pode ter em seu quadro trabalhadores que trazem inovação e outras perspectivas para a resolução de problemas.

Foi a qualificação que garantiu ao tunisiano Yousseff Arendt Ben Nessib uma vaga na área de comércio exterior da C.Vale, cooperativa agroindustrial também com sede no Paraná. Há 7 anos no Brasil, Youssef fala seis idiomas e trabalha justamente com mercados do Oriente Médio e África.

“O grande diferencial dos imigrantes para a empresa é a cultura. Eu cuido do mercado do Oriente Médio, que é de onde eu venho. Então eu sou mais familiarizado com o jeito de pensar das pessoas, os tipos de negociação, como tem que conversar com o cliente”, explica. Foi a paixão por uma brasileira - hoje mãe dos seus filhos nascidos aqui - que o trouxe para o Brasil e o fez conhecer o modelo do cooperativismo. “Meu sogro é associado à Coamo, que é uma cooperativa de agricultores, e por meio dele eu entendi como funciona o



“O GRANDE DIFERENCIAL DOS IMIGRANTES PARA A EMPRESA É A CULTURA. EU CUIDO DO MERCADO DO ORIENTE MÉDIO, QUE É DE ONDE EU VENHO. ENTÃO EU SOU MAIS FAMILIARIZADO COM O JEITO DE PENSAR DAS PESSOAS, OS TIPOS DE NEGOCIAÇÃO, COMO TEM QUE CONVERSAR COM O CLIENTE.”

Yousseff Arendt Ben Nessib,
tunisiano, fala seis idiomas e trabalha área de comércio exterior da C.Vale





“NÓS NOS ESTRUTURAMOS PARA LIDAR COM ESSE PÚBLICO E NOS ORGANIZAMOS PARA OFERECER TREINAMENTOS. O NÚMERO DE IMIGRANTES TEM CRESCIDO EM RAZÃO DO SUCESSO DO PROGRAMA. HOJE ACOLHEMOS SEM NENHUM RECEIO SABENDO QUE SÃO UMA FORÇA DE TRABALHO PROMISSORA, ELES TÊM UM BOM POTENCIAL E ACABAM SE ADAPTANDO.”

Neivaldo Burin,
gerente do Abatedouro
de Aves da C.Vale

modelo que eu acho que é bem eficiente, um trabalho em equipe e um sucesso no Brasil”, acredita.

A C.Vale hoje conta com 526 estrangeiros no seu corpo de funcionários, de diversas nacionalidades - o maior grupo, cerca de 80%, é de haitianos. O terremoto de 2010, que atingiu diversas localidades do país e matou mais de 200 mil, fez com que diversas pessoas deixassem o país e viessem ao Brasil em busca de novas oportunidades.

“Essa abertura começou a partir de uma necessidade de mão-de-obra. Tínhamos uma carência grande e isso foi se consolidando com a chegada dos haitianos. Nós nos estruturamos para lidar com esse público e nos organizamos para oferecer treinamentos. O número de imigrantes tem crescido em razão do sucesso do programa. Hoje acolhemos sem nenhum receio sabendo que são uma força de trabalho promissora, eles têm um bom potencial e acabam se adaptando”, conta Neivaldo Burin, gerente do Abatedouro de Aves da C.Vale.

A maioria dos funcionários imigrantes e refugiados da C.Vale trabalha em atividades operacionais e passam por treinamento para conhecer as normas e boas práticas de higiene, segurança alimentar e do trabalho. “O abate é uma atividade muito procedimental, existia no início o receio, mas a prática foi mostrando que sim, eles se adaptam”, diz Burin.

“NA C.VALE, EU ENTREI NA FILETAGEM DO PEIXE E NA ÉPOCA ELES PRECISAVAM DE ALGUÉM PARA AJUDAR OS ESTRANGEIROS QUE SÓ FALAVAM FRANCÊS. DEPOIS DE ALGUM TEMPO, EU FIZ UMA SELEÇÃO E FUI CONTRATADO PARA A ÁREA DE RECURSOS HUMANOS.”

Jackenson Forestal,
imigrante haitiano



Idioma

Para os que chegam ao Brasil, o idioma ainda é um obstáculo. Na Frimesa, uma parceria com o Sesi permitiu a oferta de cursos de português aos estrangeiros. Na C.Vale, os principais documentos, normativos e materiais de treinamento foram traduzidos para as diversas línguas. E os funcionários estrangeiros mais antigos, com o tempo, tornam-se uma espécie de “monitores” para auxiliar a adaptação dos novatos.

Para Burin, o investimento compensa pela entrega desses funcionários à cooperativa. “A maior parte deles está na área de produção, desde o abate até embalagem dos produtos. Mas já temos casos em que o funcionário foi evoluindo e crescendo na empresa, chegando às áreas administrativas”, conta.

Um desses destaques é Jackenson Forestal, um dos 462 haitianos empregados na cooperativa. Ele chegou no país há cinco anos - veio juntar-se a um primo que já morava no Paraná, em busca de crescimento profissional. Começou na C.Vale há dois anos em atividades operacionais e hoje trabalha na área de recursos humanos da empresa. Auxilia, principalmente, a contratação de outros trabalhadores imigrantes, mas também desempenha outras atividades de atendimento ao público.

Os primeiros anos no Brasil foram difíceis e Jackenson se dedicou aos estudos enquanto não conseguia em-



“SOU MUITO GRATA À COOPERATIVA PELA OPORTUNIDADE E PELA FORMA COMO TRATAM OS ESTRANGEIROS. A COOPERATIVA É UMA EMPRESA MARAVILHOSA E TENHO MUITO ORGULHO DE TRABALHAR LÁ PORQUE SEI QUE É UMA EMPRESA PUJANTE. ESTOU FELIZ EM COLABORAR E COLOCAR MEU GRÃOZINHO DE AREIA PARA QUE A EMPRESA SIGA ADIANTE E EU TAMBÉM AJUDE O BRASIL A SE DESENVOLVER”

Yadira Del Valle,
imigrante venezuelana

prego. “Na C.Vale, eu entrei na filetagem do peixe e na época eles precisavam de alguém para ajudar os estrangeiros que só falavam francês. Depois de algum tempo, eu fiz uma seleção e fui contratado para a área de recursos humanos”, lembra.

Casado e com uma filha brasileira, ele terminou o ensino médio no Brasil e sonha em cursar o ensino superior em tecnologia da informação - e quem sabe trabalhar nesta área dentro da própria cooperativa. “Foi uma grande oportunidade para mim, na minha área eu sou o único estrangeiro. No início eu achei que não fosse dar conta do trabalho, que não fossem me aceitar por eu ser negro e imigrante. Mas depois de um mês de trabalho, minha encarregada disse que eu entregava mais do que ela esperava. Eu vou seguir em frente e chegar no lugar onde eu quero”, sonha.

Depois de alguns meses no Brasil, Yadira conseguiu trazer o marido, que tinha ficado na Venezuela por problemas de saúde. Espera que ele também possa conseguir um emprego e se diz muito feliz com a nova vida, em especial com o trabalho.

“Sou muito grata à cooperativa pela oportunidade e pela forma como tratam os estrangeiros. A cooperativa é uma empresa maravilhosa e tenho muito orgulho de trabalhar lá porque sei que é uma empresa pujante. Estou feliz em colaborar e colocar meu grãozinho de areia para que a empresa siga adiante e eu também ajude o Brasil a se desenvolver”, diz emocionada. ■



Imigrante x refugiado

São consideradas refugiadas aquelas pessoas que são obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos. Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar. Os Estados são responsáveis por assegurar essa proteção.

Já o termo imigrante, em geral, compreende pessoas que deixam seus países de forma voluntária. Eles podem migrar em busca de melhores condições de vida, seja por oportunidades de trabalho ou estudo, reunião com familiares e outras diversas razões. Muitas vezes, também deixam seus países para aliviar dificuldades significativas ocasionadas por desastres naturais, pela fome ou extrema pobreza.



Cooperação internacional

Apesar do fluxo recente de imigrantes, a história deles com o cooperativismo é antiga. Um dos exemplos foi a criação da Cooperativa Agrária, em Guarapuava, no Paraná. Em 1951, ela nasceu com o objetivo de apoiar cerca de 500 famílias de Suábios do Danúbio, que chegaram ao Brasil na década de 1940 em razão dos conflitos da Segunda Guerra Mundial.

Essa população origina-se na região que hoje é o Sul da Alemanha e tinha a agricultura como principal atividade. A partir do século 18, colonizaram o sudeste europeu e, com a guerra, passaram a viver em abrigos para refugiados na Áustria. Com o apoio de uma instituição humanitária, vieram para o Brasil e a comunidade criou a Cooperativa Agrária. Hoje, as principais culturas produzidas pelos cooperados são soja, milho, trigo e cevada. São 630 cooperados, 1.450 empregados e R\$3,5 bilhões em faturamento.



Refugiados no Brasil

50 mil pessoas reconhecidas como refugiadas pelo Estado brasileiro,
55 nacionalidades.

Número de solicitações de refúgio (2018)

61,6 mil venezuelanos
7 mil haitianos
2,7 mil cubanos
1,4 mil chineses
947 bengaleses

INCLUSÃO *financeira* A DISTÂNCIA



NO LUGAR DE CAIXAS ELETRÔNICOS E DINHEIRO EM ESPÉCIE, SOLUÇÕES TECNOLÓGICAS. FOI ASSIM QUE NASCEU A PRIMEIRA AGÊNCIA DIGITAL DO SISTEMA SICREDI NO BRASIL.

Por Lílian Beraldo

O olhar diferenciado do cooperativismo sobre as comunidades traz respostas inovadoras (e resultados visíveis) para problemas antigos e vistos como sem saída. Trabalhar a inclusão financeira da população por meio de canais digitais e do atendimento próximo foi o caminho encontrado pelo Sicredi União para resolver a demanda da comunidade de Cafeara, município ao Norte do Paraná, entre Londrina e Maringá, que não contava com nenhuma instituição financeira.

“A população de Cafeara precisava desse ponto de atendimento, porque os moradores acabavam indo para outras cidades receber o salário; por isso, compravam no comércio em outro município. Isso enfraquecia a economia local”, lembra Diego Rigon Menão, gerente de Sustentabilidade e Cooperativismo da Sicredi União.

A inclusão financeira veio acompanhada de um modelo mais sustentável – tanto do ponto de vista ambiental como do econômico – para que a cooperativa pudesse estar no local e atender a população. No lugar de caixas eletrônicos e dinheiro em espécie, soluções tecnológicas. No lugar de uma agência de alvenaria, um contêiner sustentável. Assim, nasceu a primeira agência digital do sistema Sicredi no Brasil.

“A gente optou por olhar para aquela comunidade de maneira especial e inaugurar um novo modelo de agência, com baixo custo de implantação, energia renovável, e em parceria com o Poder Público”, completa.

Para agilizar a abertura da nova agência, o Sicredi União optou por montar toda a estrutura necessária ao atendimento da comunidade em um contêiner. “Optamos por um material que fosse flexível, de fácil instalação e retirada, caso fosse necessário mudar de local”, explica Menão. “A unidade conta com um sistema de captação de água da chuva e a ener-

gia é solar, gerada por placas fotovoltaicas instaladas em cima do contêiner”.

O ponto mais importante da iniciativa foi a inclusão bancária baseada em uma cultura diferenciada: o trânsito de dinheiro por meio digital, e não em espécie. “Temos uma rede de máquinas implantadas no comércio com isenção de tarifas e uma condição facilitada, para que a população possa usar cartão de crédito e débito em qualquer lugar”, exemplifica o gerente.

Batizado de Sicredi Smart, o projeto promove a inclusão econômico-financeira e social por meio de conta-corrente, cartão de crédito, internet banking e aplicativo mobile sem custos. Isso para que os associados possam fazer movimentações de forma simples, rápida e segura.

Inaugurada em fevereiro de 2018, a agência Smart do Sicredi União atende uma população de 2,8 mil pessoas, incluindo o município e a população rural. Hoje, a agência conta com 860 cooperados – entre pessoas físicas e jurídicas. A equipe de colaboradores varia de 3 a 4 pessoas, de acordo com as demandas.

*Benefícios
para o pequeno
agricultor*

O agricultor Marcos Salviano, 52 anos, é um dos cooperados da agência Smart do Sicredi União. Segundo ele, com a chegada do contêiner a Cafeara, a vida financeira dos agricultores mudou para melhor, com o apoio por meio de financiamento e custeio agrícola sem burocracia.

“Os agricultores iam a agências, em outras cidades, para tentar buscar recursos

agrícolas, mas eram muitas as exigências e muitos desistiam, porque não tinham documentação. Com a chegada do Sicredi, ficou tudo mais fácil”, comemora.

Ele lembra que a população estranhou o fato de a agência não trabalhar com dinheiro, mas a desconfiança inicial foi superada com o início dos trabalhos efetivos da cooperativa no local.

“Em princípio, como a agência bancária não trabalhava com dinheiro, as pessoas achavam que não ia dar certo. Mas, com o passar do tempo, todos viram que é possível suprir as necessidades financeiras a partir do cartão de crédito e de aplicativos. Todos conseguiram pagar suas contas, fazer compras e outras transações, sem a necessidade de dinheiro em espécie. Melhorou muito a minha vida e a de todos”, garante.

Inovação e prêmios

Para o gerente de Sustentabilidade e Cooperativismo da Sicredi União, a instalação da agência com uma nova filosofia bancária é uma ação de inovação pura.

“Não se trata de mudar a oferta do que a gente faz. É uma questão de mudar o como nós fazemos, trazendo mais eficiência para os nossos processos, de forma a atender o real problema da nossa comunidade, que no caso de Cafeara era abrir uma instituição financeira em um lugar onde nenhuma outra instituição teve capacidade ou interesse de estar”, destaca.

Essa ação inovadora e sustentável do Sicredi União foi reco-



Inaugurada em fevereiro de 2018, a agência Smart do Sicredi União é sustentável e atende a uma população de 2,8 mil pessoas, incluindo o município e a população rural

nhecida nacional e internacionalmente. A agência Smart foi finalista do prêmio ADVB Paraná – concedido a projetos de marketing social do estado, pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil. Ela também foi finalista do prêmio ODS Brasil, criado pelo governo federal para incentivar, valorizar e dar visibilidade a práticas que contribuam para o alcance dos objetivos e metas da **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**.

Os finalistas foram convidados a ir à sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, onde puderam apresentar seus cases. O diretor executivo do Sicredi União, Rogério Machado, este-

A Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) faz parte de um Protocolo Internacional, assinado por 193 países, na Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2015. O governo brasileiro assumiu o compromisso de adotar um modelo de desenvolvimento sustentável, com metas a serem alcançadas até 2030.

ve no evento e apresentou a iniciativa paranaense para o mundo.

“Nosso projeto teve uma repercussão muito grande, porque encontramos uma nova forma de trabalhar os serviços financeiros nas comunidades, sem usar dinheiro em espécie”, avalia o gerente.

Programas sociais

Seguindo os princípios e valores cooperativistas, o Sicredi União levou para Cafeara uma série de programas sociais e educativos. Desde a chegada da agência Smart,

foram realizadas dezenas de oficinas de formação em cooperativismo e de educação financeira.

Outro projeto importante foi a implantação de uma sala para inclusão digital, onde foram oferecidos cursos de informática para a população. Muitos desses projetos se tornaram permanentes, em parceria com a prefeitura, a igreja e a câmara de vereadores.

Vale destacar: o Sicredi União está presente, hoje, em 109 municípios das regiões Norte e Noroeste do Paraná e no Centro-Leste Paulista. Em 15 desses municípios, não havia instituição financeira antes. Dez dessas cidades têm menos de 10 mil habitantes. ■



ENTENDA O PROBLEMA DOS “SEM-CONTA”

Um em cada três brasileiros acima dos 16 anos não tem conta em nenhuma instituição financeira. Eles representam uma massa de 45 milhões de pessoas “desbancarizadas”, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva. Uma parcela da população que movimenta informalmente cerca de R\$ 817 bilhões.

Ainda segundo esse estudo, hoje, cerca de 17 milhões de brasileiros, de 2.328 cidades, precisam viajar para municípios vizinhos se quiserem abrir uma conta, tomar empréstimos ou até mesmo fazer saques. Para essa população, as cooperativas de crédito são grandes aliadas, promovendo sua inclusão financeira.

INOVACOOP

Gostou desse case de inovação? Quer inovar na sua cooperativa? Acesse o portal www.inovacoop.coop.br. Lá, você encontra um monte de histórias inspiradoras de inovação e ainda pode cadastrar a experiência da sua cooperativa. Participe!



A HORA DA MUDANÇA



chegou

SAIBA COMO ADEQUAR SUA COOPERATIVA À LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS E VEJA AS DICAS DE QUEM JÁ CONCLUIU COM SUCESSO ESSA TRANSIÇÃO

Por Raquel Sacheto

“Informação é poder”, já dizia Steve Jobs, fundador da Apple. Quando uma empresa, partido político ou rede social conhece os dados, os gostos e os hábitos de uma pessoa, fica mais fácil convencê-las a fazer quase qualquer coisa. Pode parecer exagero, mas não é! Hoje, existem pessoas e empresas especializadas em coletar e comercializar dados ou bases de clientes, sem sequer pedir a autorização destes. Quem nunca recebeu aquelas chatíssimas ligações de telemarketing com uma oferta imperdível?

A boa notícia é que essa prática está com o diaz contados, graças a entrada em vigor da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), no último dia 18 de setembro. A má é que empresas, cooperativas e organizações que coletavam dados pessoais para melhorar processos, ampliar redes de relacionamento ou fidelizar clientes terão de rever todas essas práticas sob o risco de pagarem multas que podem chegar a R\$ 50 milhões por infração.

“A LGPD propõe medidas de segurança jurídica que transcendem as relações firmadas no ambiente virtual. Por isso, é de suma importância que as cooperativas estejam atentas aos procedimentos que devem ser adotados, especialmente por se tratar de um modelo de sociedade formado, em muitos casos, por pessoas físicas, a quem a legislação buscou dar proteção”, explica Ana Paula Rodrigues, assessora jurídica da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

Ainda segundo ela, os cuidados na coleta de dados devem ser redobrados, de modo a evitar que sejam perdidos, vazados, transmitidos para pessoas erradas ou que tenham sua utilização desvirtuada, sob pena de gerar danos as cooperativas e também às pessoas envolvidas. “Será fundamental solicitar apenas os dados pessoais necessários ao cumprimento das finalidades da organização e dar clareza ao seu quadro social quanto à utilização dessas informações”, afirma.

O consultor em proteção de dados (DPO) Sanclé Landim Albuquerque concorda: as coope-

rativas, de fato, têm uma sensibilidade maior às regras da LGPD por conta de suas características de filiação. “Nesses empreendimentos, o cooperado é ao mesmo tempo sócio, fornecedor e cliente. Além disso, em alguns casos, há repasse de informação para outras organizações, como as cooperativas de crédito, por exemplo, que podem estar encarregadas da gestão dos recursos da cooperativa, da distribuição dos resultados e precisarão responder por isso ao Banco Central. Isso exige minimalismo e definição de finalidades claras para os dados coletados, principalmente os considerados sensíveis que abrangem questões de gênero, raça, religião, posicionamento político, entre outros”, alerta.

Multas aplicadas

Ainda que a data para o início da aplicação das sanções previstas para quem desrespeitar as regras seja o dia 1º de agosto de 2021, o início da vigência da lei afeta de forma imediata os negócios das cooperativas, empresas públicas e privadas e demais organizações. Isso porque as disposições exigidas podem ser fiscalizadas pelos órgãos competentes e até mesmo utilizadas como fundamentação em eventuais discussões no âmbito judicial.

Sanclé Albuquerque cita como exemplo uma multa de R\$ 60 mil aplicada pela Secretaria Nacional do Consumidor (Senacom) a uma grande marca de roupas por ter utilizado tecnologias de reconhecimento facial em sua loja no Shopping Morumbi, em São Paulo. Segundo o Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), responsável pela denúncia, a empresa conseguia captar as reações dos consumidores e traçar um perfil de seus visitantes sem informação clara e adequada e sem o devido consentimento de seus clientes.

“A prática foi considerada abusiva utilizando como referência o Marco Civil da Internet e a LGPD, e a empresa foi multada nos termos do Código de Defesa do Consumidor (CDC). Esse caso deixa claro a importância da finalidade e consentimento explícitos para a coleta e uso dos dados pessoais”, destaca o consultor.



“O COOPERATIVISMO É DIVERSO E POSSIBILITA QUE QUALQUER TIPO DE ATIVIDADE SEJA DESEMPENHADA ATRAVÉS DESTA TIPO DE SOCIEDADE.”

Ana Paula Rodrigues,
assessora jurídica
da Organização das
Cooperativas Brasileiras
(OCB)

Uma das maiores empresas do ramo imobiliário no Brasil também foi penalizada sob os termos da LGPD já no mês de outubro, acusada de compartilhar dados pessoais e de contato de seus clientes com parceiros que ofereciam mobília planejada e afins. Pela decisão, a companhia terá que pagar uma multa indenizatória de R\$ 10 mil, com um adicional de R\$ 300 por cada contato que venha a ser compartilhado novamente no futuro.

Vale destacar: a legislação prevê punições que vão desde advertências até multas que podem chegar a 2% do faturamento da empresa ou organização, sob o limite de até R\$ 50 milhões por evento. “Poucos se atentaram para o fato de que o limite da penalidade é por evento, ou seja, uma empresa pode ser penalizada por mais de um ao mesmo tempo e a multa não se limitará aos R\$ 50 milhões. Isso significa dizer que desrespeitar as regras da LGPD pode gerar custos que inviabilizem a manutenção do negócio”, acrescenta Sanclé Albuquerque.

Implementação

Precisar o tempo médio necessário para a adequação das cooperativas à LGPD ou os custos a serem dispendidos nesta adaptação não é tarefa fácil. De acordo com Ana Paula Rodrigues, as estimativas dependem não apenas do porte da cooperativa, mas do nível de complexidade de suas operações e procedimentos internos que envolvam coleta e uso de dados pessoais e do nível de organização destas informações nos bancos de dados.

“O cooperativismo é diverso e possibilita que qualquer tipo de atividade seja desempenhada através deste tipo de sociedade. Assim, cada caso exige um mapeamento específico para diagnosticar a estrutura existente, o tempo de adequação e os investimentos necessários para a adequação. Além disso, existem outros fatores que podem influenciar no custo, como a necessidade de apoio técnico especializado, de contratação de colaboradores específicos ou de investimentos em suporte e ferramentas de TI, que podem aumentar os valores necessários”, explica.

Sanclé Albuquerque acrescenta que, em uma estimativa realista, o prazo pode variar de seis meses a um ano e meio, dependendo do tamanho e das complexidades envolvidas no negócio. Já os custos dependerão da realidade de cada empresa. “Importante salientar que se trata de um processo contínuo, que vai exigir aprimoramentos constantes para garantir a segurança e a privacidade dos dados, bem como a manutenção dos sistemas. Ou seja, não se limita apenas a atender os princípios básicos da legislação”.

O consultor lembra ainda que programas de conformidade (*compliance*) e de atendimento as normas ISO, especialmente a ISO 27701, contribuem para a adequação à LGPD. “Essa ISO traz especificações sobre práticas de privacidade da informação em nível mundial e já em sintonia com a lei que inspirou a nossa LGPD — o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR, na sigla em inglês), legislação aprovada pela União Europeia para o tratamento das informações pessoais em vigência desde maio de 2018”, destaca.

Passo a passo para a adequação das cooperativas à LGPD



DIAGNÓSTICO (estratégico)

Nesta etapa, realiza-se o mapeamento dos bancos de dados e sistemas onde estão armazenados quaisquer tipos de dados pessoais coletados pela organização, a fim de identificar como é realizado o tratamento. Aqui, é importante identificar:



Quais são as diferentes fontes de origem dos dados armazenados.



O que é realmente necessário coletar e manter.



Como é feito o tratamento e quais práticas são permitidas dentro da lgpd.

O tratamento de dados pode ser interpretado como a manipulação das informações, o que envolve coletar, transferir, utilizar ou cruzar os dados que são utilizados para uma série de iniciativas, como por exemplo, a criação de perfis para o direcionamento de publicidade, concepção de novos produtos e de experiências personalizadas em redes sociais. Ou ainda, para guiar programas de governo.



PLANO DE AÇÃO (TÁTICO)

Planejamento da adequação dos procedimentos, normativas, contratos e políticas de privacidade da cooperativa, bem como para a revisão da estrutura de tecnologia e armazenamento das informações. Aqui é importante zelar pela TRANSPARÊNCIA com o cooperado. Ele precisa entender os motivos da coleta dos dados considerados essenciais para o seu negócio concordar expressamente com a coleta dos mesmos.

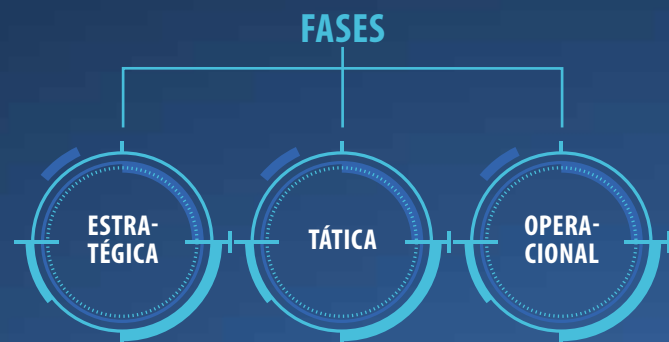


VALIDAÇÃO DAS MUDANÇAS (OPERACIONAL)

O objetivo, agora, é efetivar o plano de ação proposto com testes para verificação da adequação e efetividade das medidas implementadas, confirmando se foram atendidas todas as exigências previstas na lei.

Áreas envolvidas no projeto de adaptação

O trabalho de adaptação de uma cooperativa à LGPD é multidisciplinar, ou seja, envolve diferentes áreas incluindo diretorias, gerências, jurídico, tecnologia de informação, recursos humanos e marketing. Cada uma tem diferentes responsabilidades que vão desde a análise da finalidade de negócio até a implementação de todo o programa e a resposta a possíveis incidentes.



PROCESSUAL

Avaliação e definição de processos e procedimentos.

TECNOLÓGICA

Implementação de controles sistêmicos e mapeamento de dados, anonimização, pseudomização, concepção.

AValiação AIPD

Avaliação do processo, seu impacto, riscos, sensibilidade/criticidade.

JURÍDICA

Definição de padrões base de contratação, provimento, revisão, reporte, acompanhamento, monitoramento e complementos legais.

Profissionais necessários após a adaptação

De acordo com a LGPD, para o funcionamento do sistema de proteção de dados, será necessária a atuação de três agentes importantes, denominados como controlador, operador e encarregado. Entenda o papel de cada um deles:

CONTROLADOR

Agente de tratamento de dados pessoais que deve manter registro das operações realizadas. Ao controlador cabe decidir o porquê da coleta de dados do titular; lidar com a base legal para fazer a coleta; definir a finalidade ou os propósitos para os quais os dados serão usados; para quem pretende divulgar, compartilhar ou transferir os dados; bem como por quanto tempo irá reter as informações. Ele é responsável ainda por elaborar relatórios de impacto quando necessário.

OPERADOR

Realiza o tratamento dos dados pessoais em nome do controlador. Ele deve seguir as diretrizes determinadas e tratar os dados de acordo com as políticas de privacidade e o ordenamento jurídico. O operador e o controlador também respondem pelos danos patrimoniais, morais, individuais ou coletivos, a exemplo de violações da legislação e que exijam algum tipo de reparação.

ENCARREGADO

Pessoa indicada para atuar como canal de comunicação entre o controlador, os titulares dos dados e a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD). A identidade e as informações de contato do encarregado devem ser públicas, claras e objetivas. Ele deve aceitar reclamações e comunicações dos titulares dos dados; prestar esclarecimentos e adotar providências; receber comunicações da autoridade nacional e adotar providências; orientar os funcionários e os contratados da organização sobre as práticas a serem tomadas em relação à proteção de dados pessoais; e executar as demais atribuições determinadas pelo controlador ou estabelecidas em normas complementares (art. 41, §2º).

Adequação exige trabalho multidisciplinar

A entrada em vigência da LGPD surpreendeu às empresas e cooperativas que atuam nos mais diversos setores da economia. A assessora jurídica OCB, Ana Paula Rodrigues, afirma que boa parte do setor cooperativista já está se estruturando para atender à legislação, mas acreditava na prorrogação do prazo. Segundo ela, pela diversidade do cooperativismo, é difícil precisar de forma geral o estágio em que as cooperativas do Sistema OCB se encontram, mas tanto a unidade nacional quanto as estaduais têm desenvolvido ações para apoiar as iniciativas em capacitação e envio de materiais sobre as novas regras.

“Nossas entidades iniciaram o trabalho de adequação em janeiro deste ano, mas com a pandemia da Covid-19, foram necessários alguns ajustes no cronograma para concluir a primeira etapa que se refere ao mapeamento e entrega dos relatórios das ações e medidas a serem tomadas. Esperamos concluir esse processo em novembro”, explica a assessora jurídica.

Ainda segundo ela, o trabalho conta com a atuação de um grupo interno que envolve várias áreas das três entidades que compõem o Sistema OCB (Sescoop, OCB e CNCoop) e que foi formado especificamente para acompanhar as atividades de adequação à lei em uma atuação conjunta com uma consultoria especializada.

Para além disso, o grupo tem trabalhado iniciativas para apoiar as cooperativas neste momento de adequação. “Realizamos webinários tratando das medidas emergenciais de implementação da lei e já no início de novembro lançaremos uma cartilha de apoio às cooperativas neste processo de adequação”, completa.

ESTRUTURA PRONTA

No Banco Cooperativo Sicoop o processo de adequação já foi concluído e a instituição conta com áreas e processos dedicados ao tratamento dos dados e atendimento à legislação. “Iniciamos este trabalho em março de 2019. Procuramos revisar cada operação, a fim de verificar o que era preciso ser feito e implementar políticas corporativas de proteção de dados e avisos de privacidade”, explica Júlio Pereira Cardozo, diretor executivo de riscos. Segundo ele, o processo de mudança tem ocorrido por meio de treinamentos online, workshops, ações de endomarketing, melhoria nos controles de segurança e na formação de facilitadores nas áreas, chamados de agentes de riscos. “Buscamos identificar meios para uma correta adequação dos processos e colaboradores, bem como maneiras de comunicar essas mudanças a nossos stakeholders e fornecedores. A adequação à LGPD representa uma mudança de cultura e, por isso, a importância de implantarmos treinamentos, controles, rastreamento e eventuais medidas referentes a condutas para que todas as áreas estejam alinhadas”, destaca.

Ainda de acordo com Cardozo, o programa de privacidade de dados do Sicoop está dividido em quatro pilares, sendo eles: jurídico-



“A ADEQUAÇÃO À LGPD REPRESENTA UMA MUDANÇA DE CULTURA E, POR ISSO, A IMPORTÂNCIA DE IMPLANTARMOS TREINAMENTOS, CONTROLES, RASTREAMENTO E EVENTUAIS MEDIDAS REFERENTES A CONDUTAS PARA QUE TODAS AS ÁREAS ESTEJAM ALINHADAS.

Júlio Pereira Cardozo,
diretor executivo de riscos

co (contempla as relações entre o banco e suas diferentes possíveis partes); tecnologia da informação (administração e segurança dos dados e sistemas); análise dos processos de negócio (avaliação de dados utilizados e adequação à finalidade que se destinam); e treinamento e conscientização (necessários para promover uma mudança de consciência frente ao uso de dados).

“Trata-se de um trabalho conduzido em sinergia entre diferentes áreas e que não se encerra com a adequação mínima à LGPD. Privacidade de dados é um assunto de extrema importância dentro do Sicredi e vamos continuar avançando no tema durante os próximos anos”, conclui.

INVESTIMENTO

A Frísia Cooperativa Agroindustrial, com sede no Paraná e Tocantins, iniciou o processo de adequação à LGPD no final de 2018. “Começamos a discutir o tema e nos informar internamente. Ao mesmo tempo, entramos para o Programa de Compliance da Ocepar (Paraná Cooperativo). Acreditamos que poderíamos nós mesmos cuidar de todo o processo, mas ao longo do tempo descobrimos que seria muito difícil devido ao tamanho e complexidade dos negócios da cooperativa”, conta Marta Auer, assessora jurídica, membro do Comitê de Segurança da Informação e responsável pelo sistema de Compliance da Frísia.

A primeira medida que eles adotaram, segundo Marta, foi criar uma equipe multidisciplinar com colaboradores das áreas de recursos humanos, marketing, jurídico, tecnologia da informação, segurança do trabalho, medicina e auditoria. “Pretendíamos fazer um mapeamento dos dados que coletamos para ter um panorama geral, inclusive da finalidade dada a eles, mas acabamos contratando uma consultoria para realizar essa ação. Por outro lado, já temos várias políticas prontas. Assim que o mapeamento estiver completo podemos aplicar essas políticas e iniciar a fase de treinamento, capacitação e comunicação”.

Marta acredita que será necessário pelo menos um ano de dedicação ao processo de adequação para que a cooperativa consiga chegar na fase de auditoria a fim de testar o sistema, identificar inconsistências, fazer os ajustes necessários e concluir os requisitos mínimos exigidos. “Nossa perspectiva é que iniciemos os testes entre janeiro e fevereiro do próximo ano”, afirma. Apesar da complexidade, a assessora acredita que o processo deve ser visto como um investimento. “Estamos trabalhando para oferecer mais segurança e transparência em nossas ações”, enfatiza.

“ESTAMOS TRABALHANDO PARA OFERECER MAIS SEGURANÇA E TRANSPARÊNCIA EM NOSSAS AÇÕES.”

Marta Auer,
assessora jurídica, membro
do Comitê de Segurança da
Informação e responsável pelo
sistema de Compliance da Frísia.

Como cada time deve responder?

DIRETORIAS

- Aspectos Societários;
- Nomeação de um DPO (internet ou terceiro);
- Definição de processadores e controladores.

GERÊNCIAS

- Implementação de segurança da informação (ISO 27001);
- Resposta a incidentes de segurança da informação;
- Resposta a questionamentos de proteção de dados.

JURÍDICO/ COMPLIANCE

- Fiscalização;
- Revisão de contratos;
- AIPD e Planos de ação;
- Guarda e temporalidade de dados;
- Políticas de proteção de dados

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

- Implementação de segurança da informação (ISO 27001);
- Segurança por default;
- Segurança por design;
- Resposta a incidentes;
- Revisão de contrato.

RECURSOS HUMANOS

- Proteção de dados dos funcionários;
- Expectativa de privacidade.

MARKETING

- Tratamento de dados para publicidade;
- Campanhas;
- Aquisição de base de dados.

Cursos online e webnários capacitam cooperativas para adequação

Para oferecer subsídios e informações importantes para o processo de adaptação das cooperativas à LGPD, várias iniciativas promovem o treinamento de funcionários e gestores. No dia 07 de outubro, o Sistema OCB realizou um webnário com palestras que contou com a participação de especialistas. A primeira, abordando as questões teóricas da lei, foi conduzida pela advogada Patrícia Peck, especialista em Direito Digital, Propriedade Intelectual, Proteção de Dados e Ciber Segurança. Cristhian Groff, advogado especialista em Direito Digital e Proteção de Dados Pessoais comandou a segunda palestra sobre os aspectos práticos para adequação à LGPD.

O Sistema Ocepar, por sua vez, deu início em agosto ao Programa de Formação em LGPD, um curso online de 24 horas com conteúdo específico sobre a lei para os principais ramos do cooperativismo. "Montamos sete turmas dos ramos de saúde, crédito, agro e outros, e dividimos o curso em seis aulas que foram ministradas em um formato dinâmico, ao vivo e síncronas, por diferentes especialistas no tema", explica Daniely Andressa da Silva, advogada do SEESCOOP/PR, responsável pelo programa.

Ainda segundo a advogada, o curso contou com a participação de 405 inscritos entre cooperados e funcionários que atuam nas áreas jurídica, de auditoria, tecnologia da informação, marketing e recursos humanos. "Consideramos que o processo de adequação é complexo devido ao tamanho das cooperativas e a quantidade de dados a serem tratados, mas acreditamos que, com o curso, os participantes que cumpriram as exigências mínimas se tornaram aptos a comandar/coordenar as atividades", acrescentou.

O curso foi montado em parceria com a Opice Blum Academy, especializada em treinamento, e ofereceu certificado aos inscritos que cumpriram um mínimo de 70% da carga horária. Para a organização do conteúdo, de acordo com Alfredo Souza, coordenador de gestão estratégica do Sistema Ocepar, foi realizado um mapeamento para conhecer a demanda das cooperativas. "Como já possuímos um programa de Compliance, adaptamos a estrutura para atender a demanda de treinamento relacionada a LGPD. Criamos assim um programa integrado para não aumentar custos", destaca. ■

"MONTAMOS SETE TURMAS DOS RAMOS DE SAÚDE, CRÉDITO, AGRO E OUTROS, E DIVIDIMOS O CURSO EM SEIS AULAS QUE FORAM MINISTRADAS EM UM FORMATO DINÂMICO, AO VIVO E SÍNCRONAS, POR DIFERENTES ESPECIALISTAS NO TEMA."

Daniely Andressa da Silva, advogada do SEESCOOP/PR, responsável pelo programa.

ENTENDA A LGPD

A Lei Geral de Proteção de Dados tem como objetivo principal assegurar o direito à privacidade e à proteção de dados pessoais dos usuários, por meio de práticas transparentes e seguras, garantindo direitos fundamentais. Se aplica a qualquer operação de tratamento de dados <abre hiperlink> realizado por uma empresa pública ou privada, ou qualquer tipo de organização, incluindo cooperativas, independente do meio, do país de sua sede ou de onde estejam localizados os dados, desde que o seu uso seja realizado em território nacional e tenha por objetivo a oferta ou o fornecimento de bens ou serviços.

Aprovada em 2018, a LGPD estava prevista para entrar em vigor no dia 14 de agosto deste ano, mas, por meio da Medida Provisória (MP 959/2020), o presidente Jair Bolsonaro pediu o adiamento da vigência para maio do ano que vem, em decorrência das dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19.

A Câmara dos Deputados rejeitou a proposta, mas acatou emenda do deputado Evair Vieira de Melo (PP/ES), presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) para que a lei entrasse em vigor apenas em 1º de janeiro de 2021. No Senado, no entanto, o adiamento foi novamente rejeitado sob a alegação de que a matéria já havia sido votada anteriormente. Assim, com a MP sancionada (Lei 14.058/2020), a LGPD passou a vigorar no dia 18 de setembro.

PRINCÍPIOS DA LGPD

- **Finalidade:** realização do tratamento para propósitos legítimos, específicos, explícitos e informados.
- **Adequação:** compatibilidade do tratamento com as finalidades informadas.
- **Necessidade:** limitação do tratamento ao mínimo necessário para a realização de suas finalidades.
- **Livre Acesso:** garantia, aos titulares, de consulta facilitada e gratuita sobre a forma e a duração do tratamento.
- **Qualidade dos dados:** garantia, aos titulares, de exatidão, clareza, relevância e atualização dos dados.
- **Transparência:** garantia, aos titulares, de informações claras, precisas e facilmente acessíveis sobre a realização do tratamento e os respectivos agentes de tratamento.
- **Segurança:** utilização de medidas técnicas e administrativas aptas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados.
- **Prevenção:** adoção de medidas para prevenir a ocorrência de danos em virtude do tratamento.
- **Não discriminação:** impossibilidade de realização do tratamento para fins discriminatórios.
- **Responsabilidade e Prestação de Contas:** demonstração, pelo agente, da adoção de medidas eficazes e capazes de comprovar a observância e o cumprimento das normas de proteção de dados pessoais.



UM MUNDO... de cooperação!

CONHEÇA ALGUNS DOS CASES INTERNACIONAIS QUE INSPIRAM O COOPERATIVISMO BRASILEIRO

Por Tchêrena Guimarães

O cooperativismo pulsa ao redor do mundo. Em cada canto, uma novidade. Em cada contexto, uma oportunidade. São cidades e comunidades inteiras impactadas por pessoas que resolverem se unir e fazer a diferença.

As iniciativas podem até ser de outros países, mas não deixam de ser fontes de aprendizado e inovação para as cooperativas brasileiras. É pensando nisso que o Sistema OCB faz um estratégico trabalho de mapeamento de boas práticas internacionais. “As cooperativas podem se beneficiar de cases, se inspirando, vendo exemplos de sucessos e insucessos, de processos, metodologias e ferramentas que outras cooperativas utilizaram para poder inovar. Aprender com a experiência de outras pessoas é sempre muito rico e inspirador”, explica Samara Araújo, coordenadora do Núcleo de Informações e Mercados na OCB.

Não existe limite territorial e nem barreira linguística para as descobertas e inspirações. Quer uma prova? Já parou para pensar como é a comunicação na terra oficial do Papai Noel? Como será a internet nos vilarejos gelados e pouco povoados do extremo norte da Finlândia?

Hoje, participar de reuniões virtuais de trabalho, promover serviços e se conectar com o restante mundo pode ser até mais fácil para os moradores da região da Lapônia Finlandesa, mas nem sempre foi assim. Graças à união de 20 cooperativas cerca de 31 cidades da região puderam experimentar uma internet mais veloz, com a implantação de uma rede de fibra ótica (um tipo de tecnologia mais eficiente para a transmissão de dados digitais).

O projeto *Fiber North* teve início em 2016 e envolveu diretamente as cooperativas e moradores. Para desenvolvimento da banda larga, contou com recursos financeiros de diferentes instituições públicas finlandesas. O aporte inicial foi de cerca de 300 mil euros e o sucesso da empreitada resultou em novos investimentos.

Antes da chegada da fibra ótica, a internet não passava de 0,2 MB de velocidade. Agora os moradores acessam a uma velocidade até 10 mil vezes superiores. Para se ter uma ideia do envolvimento da população, no ano 2018 todo o cabeamento já estava concluído.

Para João Martins, analista de relações institucionais junto aos organismos internacionais da OCB, a iniciativa tem muito a ensinar. “Existem regiões pouco povoadas e com dificuldades semelhantes no Brasil, como a Amazônia e as áreas rurais do Nordeste. O cooperativismo pode ser uma alternativa para levar serviços, não só de internet, mas de infraestrutura de uma forma geral para esses locais. Mostrando esses exemplos a gente pode fazer com que as cooperativas se mobilizem para isso”, exemplifica. “Esse é um case para ser replicado pelo mundo todo”.

A iniciativa chegou ao conhecimento da OCB por meio da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), organismo que possibilita o intercâmbio entre organizações cooperativas de 111 países. “Temos um bom contato com o movimento cooperativo finlandês, que é muito forte e antigo. Eles têm muitas cooperativas de consumo e habitação. Temos contato com a organização que os representa lá e assim conhecemos esse case”, explica.

Viagem sustentável

A Europa também é berço de outra história transformadora mapeada pela OCB. A Fairbnb.coop, plataforma cooperativa criada para promover viagens éticas, autênticas e ao mesmo tempo sustentáveis.

Tudo começou com a mobilização de moradores de diversas cidades do europeias contra os impactos negativos ocasionados por sites de alugueis de temporadas, especialmente em bairros até então pouco turísticos. Além de alterar a configuração dos espaços, as plataformas tradicionais de aluguel de casas eram pouco lucrativa para as comunidades locais, já que suas sedes ficam e outras localidades.

A cooperativa foi criada, então, com o propósito de promover hospedagens justas (tanto para os viajantes quanto para os proprietários) e, ao mesmo tempo promover o desenvolvimento das comunidades locais. Considerada uma startup, ela tem sede na Itália e funciona desde 2016.

Uma das novidades da plataforma abrange o próprio viajante: no momento da reserva da acomodação, ele pode es-

colher para qual projeto social ou ambiental quer doar 50% do valor da comissão. Assim, os valores são reinvestidos em projetos sociais locais.

Para João Carlos da Silva, um dos responsáveis por desenvolver a plataforma, esse de fato é um diferencial, mas não é o principal. “Existem outros trabalhos que fazemos para garantir que todo esse processo seja realmente sustentável”, afirma. Essa taxa, inclusive, também é reduzida quando comparada a outros sites, o que mantém os ganhos do anfitrião e permite a destinação para os projetos sociais.

Atualmente, a cooperativa conta com 18 membros e diversos colaboradores espalhados pela Europa. Como os proprietários da Fairbnbn.coop são todos aqueles que utilizam e/ou são afetados pelo uso da plataforma, cada um dos atores envolvidos no projeto possui responsabilidades sociais e ambientais bem definidas. Além de membros e colaboradores da cooperativa, o projeto conta com anfitriões, os viajantes e os embaixadores nas cidades. “Estes últimos são responsáveis por garantir que os hosts (anfitriões) que se inscrevem na plataforma estão de acordo com a municipalidade e que a presença da Fairbnb também esteja de acordo com as leis que aquela cidade propõe”, exemplifica.

Outro diferencial é que cada anfitrião só pode oferecer uma propriedade na plataforma. Além

disso, o site proíbe propriedades de empresas.

No início de 2020, a cooperativa, que estava presente em seis cidades europeias (Bolonha, Veneza, Gênova, Milão, Amsterdã e Barcelona) aportou recursos em aproximadamente 70 projetos locais comunitários. Atualmente novas cidades foram adicionadas e outras estão em processo de adesão. A preocupação com comunidade, de fato, pauta todas as fases do negócios. Além disso, a cooperativa também desenvolve os próprios projetos sociais. Os moradores podem, inclusive, votar sobre os projetos que desejam ver em seus bairros.

O importante mesmo para a Fairbnb é entender todos os anseios e dores dos clientes. E na pandemia do novo coronavírus, o propósito se revelou ainda mais forte. “Durante esse processo, nosso principal foco foi olhar para as necessidades desses atores. Fomos à campo fazer entrevistas para entender as expectativas deles, analisamos os movimentos do mercado. Isso foi muito importante para a gente se manter relevante e ganhando mais espaço no coração e na mente das pessoas”, enfatiza João.

Para o executivo, a pandemia apenas reforçou a importância de negócios sustentáveis e da proximidade com o cliente. “Acredito que para esse momento de pandemia, negócios sustentáveis são cada vez mais importantes. Ela [a sustentabilidade] é transversal e passa por diversos setores, tanto

pelo jurídico, comercial, pela própria área de projetos sociais. Então, acho que vale muito a pena, ainda mais nesse caos que estamos passando, inserir isso dentro dos nossos negócios. Afinal de contas a pandemia está mostrando para a gente que o mundo tem que se sustentar, que da forma que a gente está indo não está dando muito certo”, pondera.

Cooperativismo de plataforma

A coordenadora do Núcleo de Informações e Mercados na OCB, Samara Araújo, explica que as cooperativas brasileiras podem aprender bastante observando esses tipos de negócios e a forma que eles são organizados. Ela explica que o cooperativismo de plataforma até muito pouco tempo não era possível no Brasil porque a legislação não permitia fazer assembleias digitais.

“Agora, com essa possibilidade, o cooperativismo de plataforma vai se tornando uma realidade mais frequente no Brasil. Em outros países a legislação é diferente e a gente acaba tendo muito mais cases e experiência nesse sentido. Hoje, dentro das plataformas são de cooperativismo de plataforma porque temos focado em buscar esses exemplos para ajudar no fomento das cooperativas de plataforma aqui no Brasil”, enfatiza.

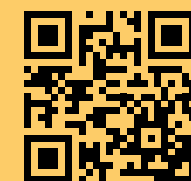
“ACREDITO QUE PARA ESSE MOMENTO DE PANDEMIA, NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS SÃO CADA VEZ MAIS IMPORTANTES.

João Carlos da Silva,
um dos responsáveis
por desenvolver a
plataforma



INOVACOOP

A plataforma Inovacoop compartilha todas essas iniciativas inovadoras do mundo e também do Brasil. Ela também reúne informações, análises, ferramentas e cursos para ajudar as cooperativas inovarem.





PESQUISA GLOBAL

O mapeamento de todos esses casos cooperativas de sucesso é feito a partir do trabalho de representação internacional da OCB. “Temos estado sempre em contato com os organismos internacionais que a OCB faz parte, com diversas redes de pesquisa, de educação, de formação de parcerias, dentro dessa temática de cooperativismo”, ressalta João Martins. Graças à rede de contatos do Sistema OCB com as organizações de outros países, identificamos os casos de inovação cooperativista que têm ganhado destaque ao redor do mundo.

Um mundo melhor

Na vizinha Colômbia, uma das iniciativas que chamam a atenção reúne 52 cooperativas dos mais diversos setores. A Cooperação Verde surgiu em 2009 com o objetivo de combater as mudanças climáticas e promover o desenvolvimento sustentável.

Logo no início, as cooperativas assinaram um acordo com o compromisso de fazer isso por meio do reflorestamento áreas degradadas ambientalmente em locais que já foram cenário dos conflitos armados colombianos para a captura de carbono (processo de remoção de gás carbônico da atmosfera). Elas se uniram e levantaram recursos para compra das terras, maquinários e equipamentos.

“Começamos do zero em uma zona de conflito, onde predominava a pecuária extensiva, queimadas de savanas e de bosques naturais. Pouco a pouco começamos a converter todas essas emissões que iam sendo geradas, trabalhando com o tema de captura de carbono e mitigando a mudança climática”, explica Fernando Rodríguez, gerente geral da Cooperação Verde, enfatizando que o projeto foi eliminando outras práticas danosas ao meio ambiente.

O primeiro passo do grupo de cooperativas foi isolar a área, e, assim, começar a conservar mil hectares de bosque natural para que o incêndio da savana não chegasse até essa zona, já que quase todos os anos essa era uma área permanentemente deteriorada.

Em paralelo, a Cooperação Verde começou a investir em tecnologias e a atuar em novas frentes, como

comercialização de madeira legal e produtos orgânicos. Além de tudo, o próprio carbono capturado passou a ser comercializado por parte das cooperativas signatárias após serem certificados e transformados em créditos. Tudo feito de forma que, ciclicamente, o meio ambiente fosse beneficiado.

Desde que foi criado, o projeto possibilitou o plantio de 2 milhões de árvores na Colômbia. Cerca de 15 a 20 mil árvores plantadas por dia. Foram 240 mil toneladas de gás carbônico capturados, o que representa cerca de 120 mil carros tirados de circulação em um ano.

Além de renda, as cooperativas também geram empregos e levam conhecimentos para as comunidades locais. Fernando explica que as cooperativas contam com grande apoio das comunidades indígenas da região. “Temos conseguido pessoas jovens que, de uma ou outra forma já começam a adquirir conhecimento em gestão neste tipo de região e nestas condições. Temos um desafio grande e jovens serão uma grande força para cumprir as metas que possuímos”, afirma Fernando. O objetivo é plantar 10 milhões de árvores e capturar 1 milhão de toneladas de carbono em 10 anos.

O gerente geral do projeto ressalta, ainda, que o Brasil e a Colômbia podem definir novos objetivos e somar conhecimentos. “Podemos criar alianças entre as cooperativas e buscar formas de gerar recursos para que isso seja um compromisso não apenas com a terra, mas com a comunidade e com os jovens. É para eles que vamos deixar o legado, o conhecimento e a expertise”, pontua. “Se nós deixarmos para eles pelo menos uma semente, isso pode seguir crescendo. Assim, a solução da mudança climática pode estar nas cooperativas americanas e mundiais”. ■



Guga: UM BRASILEIRO COMO NÓS

POR DANIELA LEMKE
Gerente de comunicação do Sistema OCB

Se tem uma coisa que me dá alegria é ser brasileira. A gente tem a Floresta Amazônica, maior reserva do mundo de plantas, de pássaros e de água. Também tenho orgulho das pessoas que moram aqui e fazem bem para muitas outras pessoas. Gente que acredita que sorrisos contagiam e se multiplicam rapidamente. E falando em sorriso e orgulho, vem logo a imagem de um jovem **BRASILEIRO** que deu orgulho demais para o nosso país: Gustavo Kuerten. Eu ainda estudava jornalismo e, nos intervalos das aulas na Universidade Católica de Pelotas (RS), assistia um cabeludo pouco preocupado com a postura de um tenista, um tanto extravagante, surpreender nas quadras de Roland Garros.

O que mais me impressiona no Guga não é o fato de ele se sagrar campeão de Roland Garros aos 20 anos. O que me impressiona é o fato de ele ter conseguido ganhar o coração de tantos brasileiros, virar uma celebridade e continuar sendo o Guga. Foi o número 1, sim, mas não viveu como tal. Segue curtindo como um cara normal e deu um exemplo a todos nós de que o sucesso pode ser conquistado sem perder o **CARISMA** e a simpatia. Ele é uma pessoa que soube lidar com a vida e não esconde suas emoções. Um homem **TRANSPARENTE, SIMPLES**, que luta para se manter fazendo o que gosta.

Não foram poucos os sacrifícios imperfeitos por ele. Cirurgias nos quadris, incontáveis sessões de fisioterapia. Mas Guga transformou as dificuldades em aprendizados, as tristezas em combustível e o luto em inspiração. Aprendeu cedo que a vida nos desenha caminhos novos. Ele sempre entendeu que para chegar mais longe, para ser campeão, além de toda a disciplina possível, precisava da **FAMÍLIA e das outras pessoas**.

Em casa, seu irmão mais novo mostrou que força e persistência eram necessárias. Guilherme Kuerten nasceu com paralisia cerebral. Engatinhar ou segurar um garfo foram conquistas que exigiram dele muita dedicação e persistência. Guga observava e admirava o irmão. O pai jogava tênis e foi com ele que Guga, aos 6 anos de idade, conheceu a bola e a raquete que o tornariam vencedor de três torneios de Roland Garros. Esse pai, que foi sua maior inspiração, partiu cedo e Guga precisou continuar. Encontrou em seu treinador, na mãe, na avó e no irmão Rafael força para não desistir dos sonhos. Ele sabia que tinha pessoas dispostas a lutar com ele e isso deu força e esperança para seguir.

Guga fez um bem para o Brasil mostrando que conseguimos ir mais longe quando compartilhamos nossas vitórias. E por isso o cooperativismo se apaixonou por Guga e descobriu que também pode ser assim: simples, descomplicado, **HUMILDE** e motivo de orgulho para todos.

Guga continua dando orgulho para nós e, quando ele falar em cooperativismo, ficará fácil entender porque os seus valores pessoais tem tudo a ver com o nosso jeito de fazer negócios — alicerçado em solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade. Sua fundação tem gerado oportunidades de inclusão econômica e social às pessoas, e já transformou a vida de mais de 62 mil pessoas.

Era de uma força assim que o cooperativismo precisava. Juntos, vamos mostrar que o cooperativismo pode fazer a diferença na retomada da economia que vai precisar muito de foco, **DETERMINAÇÃO**, persistência e **SOLIDARIEDADE**. Vamos juntos em um grande movimento que não quer deixar ninguém para trás, que se preocupa com o outro, valoriza a construção coletiva, e que está totalmente em sintonia com o que o mundo busca hoje. ■



Ilustração: Kleber Sales

SOU.COOP

Venha fazer parte de um cooperativismo mais forte!

VAMOS JUNTOS CONSTRUIR O MAIOR BANCO DE DADOS CADASTRAIS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO.

Precisamos entender a realidade das cooperativas, para desenvolver as melhores soluções e estratégias e divulgar cada vez mais o setor.

É MUITO FÁCIL PARTICIPAR:

acesse a plataforma SOU.COOP e mantenha o cadastro da sua cooperativa sempre atualizado.



www.sou.coop.br

somoscoop»

44 SistemaOCB

f | | | | sistemaocb



Vem ser coop!
Tudo ao
seu redor **já é.**



VEM COM A GENTE
somos.coop.br

f i y /somoscoop

somoscoop

O cooperativismo está em toda parte. Nas soluções financeiras que facilitam a sua vida e nos cuidados com a sua saúde. Está também no transporte que você pega, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera a renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

O Guga já faz parte. E você também pode fazer.

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.